

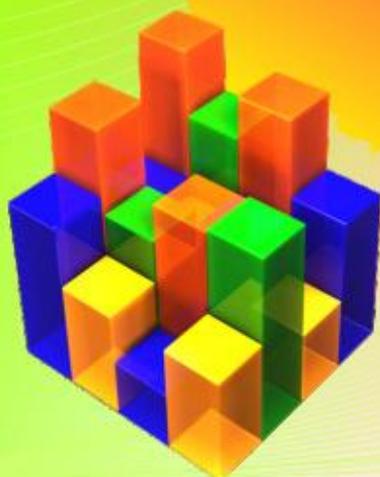


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

4º Trimestre de 2018



Fortaleza – Ceará

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

Governador do Estado do Ceará

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora do Estado do Ceará

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG

José Flávio Barbosa Jucá de Araújo – Secretário (**respondendo**)

José Flávio Barbosa Jucá de Araújo – Secretário Executivo de Gestão

Flávio Ataliba Flexa Dalto Barreto – Secretário Executivo de Planejamento e Orçamento

Ronaldo Lima Moreira Borges – Secretário Executivo de Planejamento e Gestão Interna

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

Diretor Geral

João Mário Santos de França

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Diretoria de Estudos de Gestão Pública – DIGEP

Marília Rodrigues Firmiano

Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN

Rafaela Martins Leite Monteiro

IPECE Conjuntura – Vol. 7 – Nº 04 – out-dez/2018

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Coordenador da Conjuntura:

Paulo Araújo Pontes (Analista de Políticas Públicas)

Equipe Técnica:

Alexandre Lira Cavalcante (Analista de Políticas Públicas)

Nicolino Trompieri Neto (Analista de Políticas Públicas)

Witalo de Lima Paiva (Analista de Políticas Públicas)

Daniel Cirilo Suliano (Analista de Políticas Públicas)

Ana Cristina Lima Maia (Assessora Técnica)

Rogério Barbosa Soares (Assessor Técnico)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e da assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) -

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo -

Cambeba | Cep: 60.822-325 |

Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521

Sobre o IPECE Conjuntura

O IPECE CONJUNTURA é uma publicação trimestral da Conjuntura Econômica Cearense em que são apresentadas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho da atividade econômica do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços.

O Mercado de Trabalho tem como base a PNAD contínua do IBGE e a evolução do emprego formal a partir dos dados do Ministério do Trabalho (MTb). Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros dois temas também contemplados no documento.

Conteúdo

- 1 Sumário Executivo, 3
- 2 Panorama Internacional e Economia Brasileira, 5
 - 2.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial, 5
 - 2.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 6
 - 2.3 Inflação, 9
- 3 Atividade Econômica Cearense, 11
 - 3.1 Produto Interno Bruto, 11
 - 3.2 Agropecuária, 12
 - 3.3 Indústria, 18
 - 3.4 Serviços, 24
- 4 Mercado de Trabalho, 34
 - 4.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará, 34
 - 4.2 Emprego Formal, 36
- 5 Comércio Exterior, 42
- 6 Finanças Públicas, 49

1 Sumário Executivo

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,7%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China;
- No quarto trimestre de 2018, o PIB do Brasil registrou um crescimento de 1,1% em relação ao terceiro trimestre de 2017;
- No quarto trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, a economia cearense apresentou um crescimento de 1,08%. No resultado do acumulado no ano, observa-se um crescimento de 1,01;
- No setor agropecuário, a produção de grãos no Estado do Ceará, no ano de 2018, foi da ordem de 636,9 mil toneladas de grãos, sendo 19,7% maior do que a safra obtida em 2017, com destaque para as culturas do milho (475,3 mil ton.) que aumentou seu nível de produção em 27,28% e do feijão (137,9 mil ton.), com crescimento de 3,45%, em relação a safra do ano anterior;
- O resultado para o último quarto do ano manteve o desempenho da indústria num ambiente positivo no segundo semestre de 2018. No terceiro trimestre, após a crise dos caminhoneiros que caracterizou o período anterior, a indústria voltou a crescer e alcançou 0,9% de expansão. Apesar de positivos, os resultados são tímidos e retratam a repercussão do choque negativo de oferta em que se constituiu a paralisação dos motoristas, além da base de comparação mais elevada do segundo semestre de 2017;
- Na atividade de serviços, dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros segue no terreno negativo ao registrar queda de 7,1% no ano de 2018;
- Em relação as vendas do varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção, as vendas do país apresentaram um ritmo de crescimento mais acelerado, no quarto trimestre de 2018, do que o verificado no Ceará, que cresceu apenas 1,3% no quarto trimestre de 2018;
- Embora a Taxa de Desocupação ainda esteja acima de dois dígitos e alta comparada ao período pré-crise, ao longo do ano de 2018 o recuo do desemprego no Estado do Ceará ocorreu de forma mais intensa atingindo a taxa de 10%, neste quarto trimestre de 2018, enquanto que no Brasil ficou em 11,6%;
- O mercado de trabalho cearense registrou um saldo positivo de empregos celetistas num total de 290 vagas no último trimestre do ano de 2018, ou seja, uma forte desaceleração no ritmo de criação de vagas observado ao longo dos três trimestres do ano, como já é esperado para o período.;

- O saldo da balança comercial cearense no quarto trimestre de 2018 registrou superávit de US\$ 237 milhões, valor maior quando comparado com o mesmo período de 2017 (US\$ 137 milhões). O valor da corrente de comércio totalizou US\$ 1,3 bilhão, aumento de 16,1% em relação ao registrado com o mesmo período de 2017;
- No aspecto das finanças públicas estaduais, é interessante observar que as receitas correntes cresceram 9,8%, no quarto trimestre de 2018, sendo a principal razão a ocorrência de receitas não recorrentes. Por outro lado a despesa com pessoal têm crescido de forma mais acelerada que a receita.

2 Panorama Internacional e Economia Brasileira

2.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

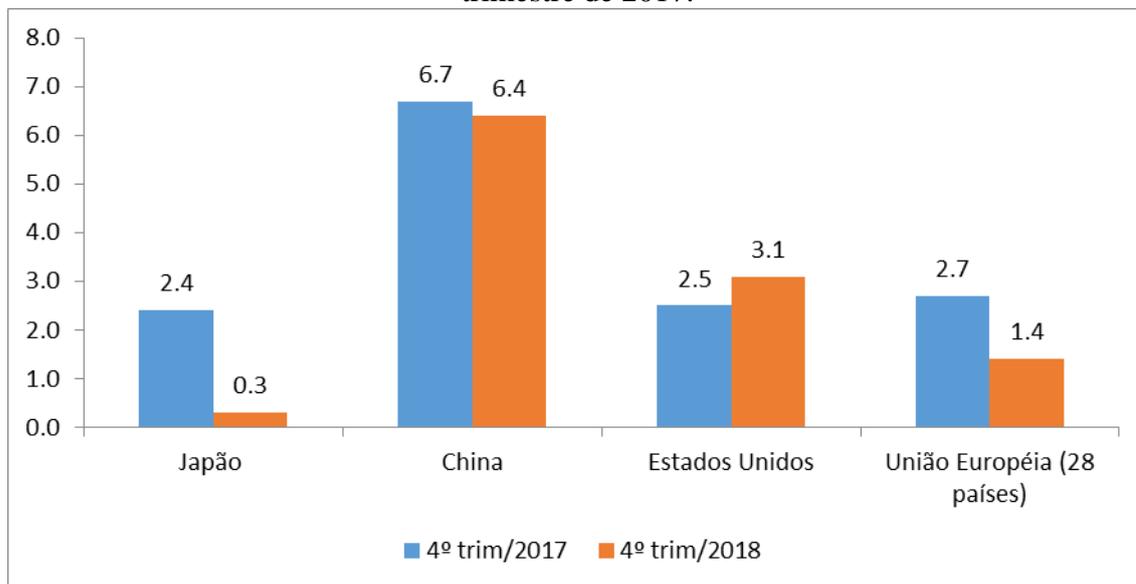
O crescimento da economia mundial para o ano de 2018 apresenta uma estimativa de 3,7%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do World Economic Outlook Update de outubro de 2018. Essa estimativa vem sendo influenciada por um crescimento mais forte da demanda interna nas economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

De acordo com os dados da OCDE, o crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB) americano no quarto trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, foi de 3,1% (Gráfico 2.1), resultado maior do que o registrado no quarto trimestre de 2017, com relação ao mesmo período de 2016, quando registrou-se um crescimento de 2,5%. Esse bom desempenho é explicado pelos aumentos do investimento privado e do consumo das famílias, apoiados por uma forte confiança do setor privado, bem como pelo crescimento de transações no mercado de capitais e aos baixos níveis de desemprego. Tais fatores, somados a uma taxa de juros e inflação, para 2018, respectivamente de 2,3% e 2,4%, levaram a um crescimento real do PIB americano, em 2018, de 2,9%.

O crescimento de 1,4% do PIB da União Européia, no quarto trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, mostra-se num ritmo de crescimento bem inferior ao crescimento observado no quarto trimestre de 2017, quando registrou-se um crescimento de 2,7%. O fraco ritmo de crescimento registrado no último trimestre de 2018 é decorrente de um contexto de incerteza com o Brexit, dado que ainda não houve um acordo entre o Reino Unido e o Bloco Europeu que atenda as exigências de retirada do Bloco. Essa incerteza vem gerando queda no nível de confiança do setor privado em relação ao desempenho econômico da União Europeia, prejudicando os investimentos privados nas maiores economias pertencentes à União. Ainda assim, a taxa de desemprego diminuiu para 7,8%, sendo o menor nível desde o início de 2009, bem como uma baixa inflação de 1,9% e uma taxa de juros nula. Esses fatores contribuíram para um crescimento do PIB na região, em 2018, de 2,0%.

A economia da China, conforme dados da OCDE, apresentou estimativa de crescimento de 6,4% no quarto trimestre de 2018, com relação ao mesmo período de 2017, resultado menor do que o registrado no quarto trimestre de 2017, onde registrou-se um crescimento de 6,7%. Este menor ritmo é retrato da guerra comercial travada com os Estados Unidos, iniciada em 2018 pelo Governo Trump. Assim como nos outros trimestre de 2018, o crescimento do último trimestre para o mesmo ano é explicado pelo investimento das empresas estatais e pelo consumo das famílias, gerando um crescimento real para o PIB da China, em 2018, de 2,1%.

Gráfico 2.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 4º trimestre de 2018 em relação ao 4º trimestre de 2017.



Fonte: OECD

A economia japonesa apresentou no quarto trimestre de 2018, em relação ao mesmo trimestre de 2017, um crescimento de 0,3%, resultado este bem inferior para o mesmo período de 2017, onde verificou-se um valor de 2,4%. Esse fraco desempenho é reflexo dos seguintes desastres naturais ocorridos no país no terceiro trimestre de 2018: inundações na região oeste após as fortes chuvas, um tufão que inundou um grande aeroporto internacional e um terremoto na região norte que perturbou as linhas de distribuição de energia. Tais eventos causaram um crescimento dos investimentos privados e do gasto público, no quarto trimestre de 2018, em decorrência do processo de reconstrução da infraestrutura atingida pelos desastres, mas ainda assim insuficientes para gerar um crescimento real do PIB próximo ao registrado no quarto trimestre de 2017. Esses fatores apresentados levaram a um crescimento real do PIB do Japão, em 2018, de 1,0%.

2.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

No quarto trimestre de 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou um crescimento de 1,1% em relação ao quarto trimestre de 2017 (Tabela 2.1). Para o ano de 2018 o PIB também apresentou um aumento de 1,1%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Brasil - 4º Trim. 2017 e 2018 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)	4º Trim. 2018 (**)	2018
Agropecuária	4,5	-3,0	0,3	2,5	2,4	0,1
Indústria	2,5	1,2	0,8	0,8	-0,5	0,6
Extrativa Mineral	0,1	-1,3	0,5	0,7	3,9	1,0
Transformação	5,7	3,8	1,7	1,6	-1,5	1,3
Construção Civil	-2,3	-4,2	-2,7	-1,0	-2,2	-2,5
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,1	0,7	3,1	0,5	4,6	2,3
Serviços	2,0	1,8	1,1	1,2	1,1	1,3
Comércio	4,9	4,8	2,0	1,6	0,9	2,3
Transportes	4,0	2,9	1,1	2,9	1,7	2,2
Intermediação Financeira	0,7	0,2	0,7	1,0	-0,5	0,4
Administração Pública (APU)	0,6	0,7	0,1	0,1	0,1	0,2
Outros Serviços	1,2	1,3	0,7	0,6	1,5	1,0
Valor Adicionado (VA)	2,0	1,0	0,9	1,3	1,2	1,1
PIB	2,2	1,2	0,9	1,3	1,1	1,1

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

Na análise do quarto trimestre de 2018, com relação ao quarto trimestre de 2017, dentre as atividades que contribuem para a geração do Valor Adicionado, a Agropecuária registrou crescimento de 2,4%, influenciada pelo desempenho positivo da Pecuária e Produção florestal.

Para o mesmo período de análise, a Indústria caiu 0,5%, puxada pela Construção (-2,2%), que vem recuando por dezenove trimestres consecutivos e, também, pela queda na Indústria de Transformação (-1,5%). A atividade Eletricidade, Gás e Água (SIUP) apresentou alta de 4,6%, assim como a atividade da Indústria Extrativa (3,9%), estas últimas foram puxadas, principalmente, pela extração de minério de ferro.

O setor de Serviços subiu 1,1%, nessa comparação, com destaque para a atividade de Transportes (1,7%), seguidos de Outros serviços (1,5%), Comércio (0,9%) e Administração Pública (APU) (0,1%). Apenas a atividade Intermediação Financeira apresentou queda de 0,5%

Na análise do PIB para o ano de 2018, com relação ao ano de 2017, o destaque foi o setor de Serviços, com crescimento de 1,3%, seguidos da Indústria (0,6%) e da Agropecuária (0,1%).

O resultado da Agropecuária, no ano de 2018, é explicado pelos crescimentos nas produções do café (29,4%), algodão (28,4%), trigo (25,1%) e soja (2,5%). Por outro lado, houve quedas em lavouras como a do milho (-18,3%), laranja (-10,7%), arroz (-5,8%) e cana (-2,0%).

Na Indústria, o destaque positivo foi o desempenho da atividade Eletricidade, Gás e Água (SIUP), que cresceu 2,3% no ano de 2018 em relação a 2017. Já o destaque negativo foi a Construção, que sofreu contração de 2,5%. Já a Indústria de Transformação, por sua vez, avançou 1,3% no mesmo período. O resultado foi influenciado, principalmente, pelas altas em: veículos automotores, papel e celulose, farmacêutica, metalurgia e máquinas e equipamentos. Por fim, a Indústria Extrativa teve expansão de 1,0%, devido à alta da extração de minérios ferrosos.

Todas as atividades que compõem os Serviços apresentaram variação positiva no ano de 2018 com relação a 2017. A atividade do Comércio cresceu 2,3%, seguidos de Transporte (2,2%), Outros serviços (1,0%), Intermediação Financeira (0,4%) e Administração Pública (APU) (0,2%).

Tabela 2.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Brasil - 4º Trim. 2017 e 2018 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)	4º Trim. 2018 (**)
Agropecuária	0,3	1,6	0,2	0,8	0,2
Indústria	1,1	-0,3	-0,3	0,3	-0,3
Extrativa Mineral	-1,2	0,3	0,8	0,8	1,9
Transformação	2,2	-0,5	-0,6	0,6	-1,0
Construção Civil	1,4	-2,4	-0,4	0,4	0,1
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-0,1	2,3	0,5	-2,0	3,9
Serviços	0,2	0,2	0,3	0,5	0,2
Comércio	0,5	0,6	-0,6	1,0	-0,1
Transportes	0,9	0,9	-0,7	1,8	-0,3
Intermediação Financeira	1,1	-0,3	0,3	0,0	-0,5
Administração Pública (APU)	0,1	-0,1	-0,1	0,1	0,1
Outros Serviços	-0,5	0,7	0,3	0,1	0,4
Valor Adicionado (VA)	0,3	0,4	0,2	0,5	0,2
PIB	0,3	0,4	0,0	0,5	0,1

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

Na comparação do quarto trimestre de 2018 em relação ao terceiro trimestre de 2018, trabalhando-se com as séries dessazonalizadas, o PIB do Brasil apresentou crescimento de 0,1% (Tabela 2.2). Em relação aos setores da economia brasileira, para o mesmo período de análise, a Agropecuária apresentou crescimento de 0,2%, a Indústria caiu 0,3% e o setor de

Serviços cresceu 0,2%. Dentre as atividades industriais, a queda foi puxada pela Indústria de Transformação (-1,0%), enquanto que os crescimentos foram registrados nas atividades Eletricidade, Gás e Água (SIUP) (3,9%), Indústria Extrativa (1,9%) e a Construção (0,1%). No setor de Serviços, apenas outros serviços (0,4%) e Administração Pública (APU) (0,1%) tiveram variações positivas, enquanto as negativas vieram de Intermediação Financeira (-0,5%) Transportes (-0,3%) e Comércio (-0,1%).

2.3 Inflação

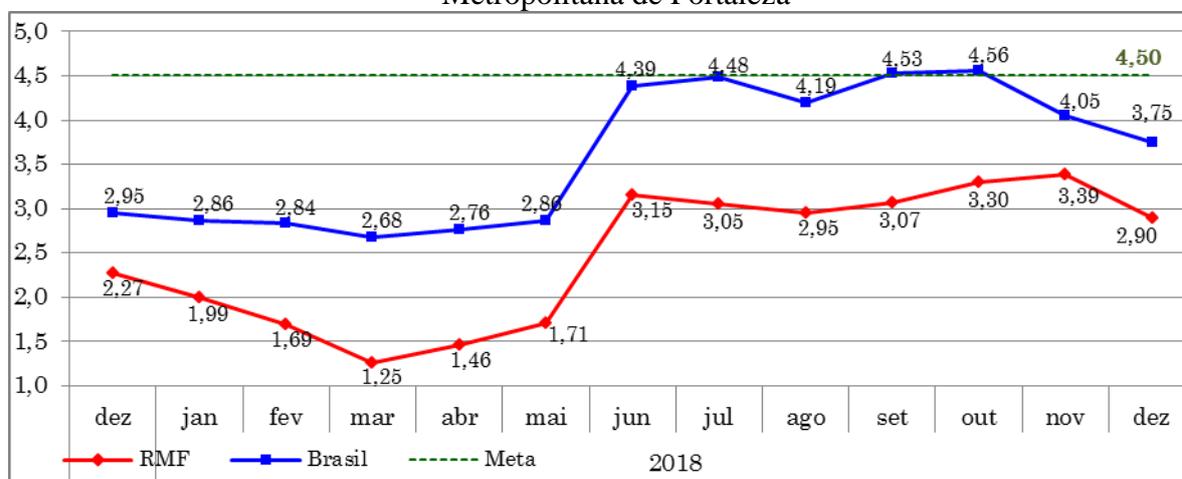
O Gráfico 2.2 apresenta a inflação acumulada dos últimos doze meses para o Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) de dezembro de 2017 a dezembro de 2018. Para o Brasil, o IPCA ficou em 3,75% em 2018, ficando também abaixo do teto da meta de 4,5%, mas dentro do limite da banda inferior; na RMF, o ano de 2018 encerrou com inflação de 2,90%.

Como destacado pelo IBGE, o Grupo de Habitação, Transportes e Alimentação, os três com maior peso na composição do índice, foram responsáveis por 66% do aumento do IPCA nacional. Na RMF, destaque para a baixa variação do Grupo de Alimentação (2,83%) e Habitação (2,39%), ambos também com alto peso na composição do índice regional.

No âmbito nacional, o IBGE também ressalta que após apresentar variação negativa de 1,87% em 2017, impulsionado pela safra recorde, o Grupo Alimentação registrou 4,04%, tendo a safra de 2018 ficado cerca de 5% abaixo da do ano anterior, sendo, portanto, a segunda melhor da série histórica.

Adicionalmente, destaca-se que em maio a paralização dos caminhoneiros ocasionou um desabastecimento com impacto direto nos preços de diversos produtos alimentícios levando a uma variação de 2,03% em junho, a segunda maior para este mês desde a implantação do Plano Real. O Gráfico 2.2 a seguir descreve o repique inflacionário por conta da paralização dos caminhoneiros.

Gráfico 2.2: Variação Acumulada dos últimos 12 meses IPCA – Brasil e Região Metropolitana de Fortaleza



Fonte: IBGE; Elaboração: IPECE.

No entanto, foi o Grupo Educação que apresentou a maior variação tanto no nacional como na RMF, com variações de 5,32% e 7,55%, respectivamente. O Item de maior destaque no nacional e na RMF foi o de cursos regulares com variação anual de 5,68% e 8,38%, respectivamente.

3 Atividade Econômica Cearense

3.1 Produto Interno Bruto

No quarto trimestre de 2018 com relação ao mesmo período de 2017, a economia cearense apresentou um crescimento de 1,08% (Tabela 3.1). Este resultado consolida a recuperação da economia cearense após a queda registrada no segundo trimestre de 2018 em decorrência dos efeitos negativos na economia cearense gerado pela greve dos caminhoneiros. No resultado para o ano de 2018, observa-se um crescimento de 1,01%.

Tabela 3.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 4º Trim. 2017 e 2018 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)	4º Trim. 2018 (**)	2018
Agropecuária	24,02	34,61	-13,35	12,89	9,80	6,37
Indústria	4,10	1,95	-2,56	1,19	-1,91	-0,34
Extrativa Mineral	-15,68	-11,45	-0,88	8,14	3,94	-0,21
Transformação	3,95	3,28	-3,53	0,76	1,71	0,57
Construção Civil	3,41	-4,79	-0,40	0,59	-1,34	-1,48
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	4,30	12,38	-4,49	3,15	-10,52	-0,22
Serviços	3,01	1,20	0,58	0,88	0,98	0,91
Comércio	6,51	3,86	3,95	1,92	1,86	2,85
Alojamento e						
Alimentação	0,09	0,74	0,84	0,56	1,52	0,92
Transportes	2,21	-3,38	-5,00	-0,76	-0,03	-2,20
Intermediação						
Financeira	4,36	2,15	0,00	1,21	0,34	0,91
Administração Pública	0,27	-0,44	-0,32	0,35	0,85	0,11
Outros Serviços	-0,72	0,48	0,14	-0,54	-0,32	-0,06
Valor Adicionado (VA)	4,23	2,96	-1,41	1,31	0,95	0,93
PIB	4,07	2,76	-1,06	1,34	1,08	1,01

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do quarto trimestre de 2018 com o mesmo período de 2017, a Agropecuária e os Serviços apresentaram crescimentos de 9,8% e 0,98% respectivamente, enquanto que a Indústria apresentou uma queda de 1,91%. No setor de serviços os destaques foram o comércio (1,86%) e Alojamento e Alimentação (1,52%), enquanto que na Indústria, destacaram-se a Indústria Extrativista (3,94%) e a Indústria de Transformação (1,71%).

Tabela 3.2: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Ceará - 4º Trim. 2017 e 2018 (*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2017 (**)	1º Trim. 2018 (**)	2º Trim. 2018 (**)	3º Trim. 2018 (**)	4º Trim. 2018 (**)
Agropecuária	7,91	5,87	-0,61	0,67	3,83
Indústria	0,66	-0,54	-3,78	4,96	-2,43
Extrativa Mineral	1,04	-3,47	5,94	4,20	-2,32
Transformação	1,25	0,06	-3,80	3,44	2,19
Construção Civil	2,22	-5,12	-0,67	4,35	0,25
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,88	1,25	-7,59	8,50	-11,24
Serviços	0,33	-0,51	0,08	0,86	0,49
Comércio	0,87	-0,30	0,75	0,52	0,73
Alojamento e Alimentação	-0,44	1,10	-0,06	0,00	0,55
Transportes	-0,94	-1,50	-1,71	3,24	0,02
Intermediação Financeira	1,42	-2,55	-0,87	3,30	0,43
Administração Pública	-0,18	0,16	0,51	-0,11	0,30
Outros Serviços	-0,33	0,93	-0,28	-0,89	0,04
Valor Adicionado (VA)	0,68	0,03	-1,28	1,94	0,19
PIB	0,62	0,02	-1,06	1,80	0,25

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

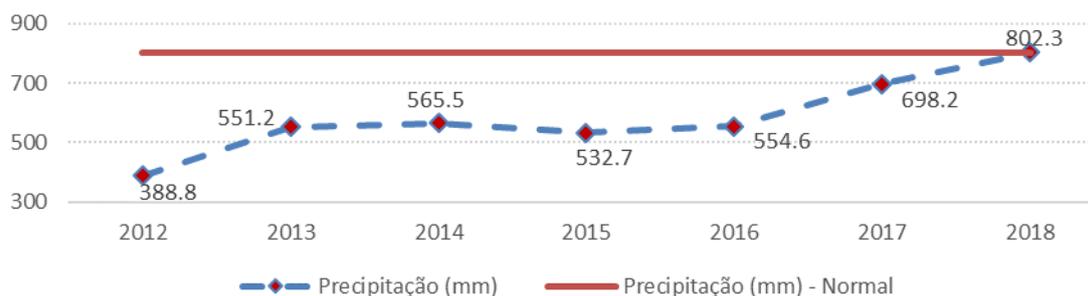
(**) Em comparação ao período imediatamente anterior;

Na Tabela 3.2 verifica-se a análise das séries dessazonalizadas para a economia do Ceará. Na comparação do quarto trimestre de 2018 em relação ao terceiro trimestre de 2018, o PIB do Ceará apresentou um crescimento de 0,25%, em decorrência do resultado negativo da Indústria (-2,43%), explicada principalmente pela forte queda na atividade Eletricidade, Gás e Água (SIUP) (-11,24%). A Agropecuária apresentou crescimento de 3,83%, e os Serviços, 0,49%, com destaques para as atividades do Comércio (0,73%) e Alojamento e Alimentação (0,55%).

3.2 Agropecuária

As precipitações ocorridas durante a quadra chuvosa de 2018 no Ceará, de acordo com os dados registrados pela rede de coleta de dados pluviométricos da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), foram em torno da média histórica, com desvio percentual de 0,2% em relação à normal climatológica (1981-2010). Durante o período, foi registrado o total de 802,3 mm de chuvas em todo o território cearense.

Gráfico 3.1: Precipitação Pluviométrica, Ceará, 2012-2018.



Fonte: FUNCEME.

Analisando a quadra chuvosa entre as Macrorregiões do estado do Ceará, observou-se a seguinte distribuição espacial durante a Quadra chuvosa de 2018: as Macrorregiões de Coreaú e Salgado foram as que tiveram chuvas acima de 1.000mm. Já as Macrorregiões de Banabuiú, Médio e Alto Jaguaribe, tiveram precipitações abaixo de 700 mm durante a Quadra Chuvosa de 2018.

Tabela 3.3: Precipitação Pluviométrica da Regiões Hidrográficas - Ceará, 2018.

Macrorregiões	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Coreaú	1.033,50	1.299,00	25,7
Salgado	855,1	1.007,10	17,8
Metropolitana	923,4	946,3	2,5
Litoral	871	893,3	2,6
Baixo Jaguaribe	679,4	816	20,1
Acaraú	780,1	789,4	1,2
Serra Da Ibiapaba	699	755	8
Curu	689,3	724,7	5,1
Sertões De Crateús	616,4	708,5	14,9
Alto Jaguaribe	647,1	663,6	2,6
Médio Jaguaribe	720,8	640,1	-11,2
Banabuiú	657,8	631,3	-4

Fonte: FUNCEME.

Neste cenário a capacidade de armazenamento dos reservatórios cearenses fechou o ano de 2018 com um volume armazenado de 2.076 hm³, ou seja, representando 11,15% de sua capacidade total de armazenamento (18.617 hm³), fechando o ano com uma disponibilidade hídrica maior do que a do ano de 2017, que fechou com um volume armazenado de 1.467,0 hm³ de água, 7,9% da capacidade total do estado.

Entre os 155 açudes monitorados pela COGERH – Companhia de Gestão de Recursos Hídricos, 99 chegaram ao final do ano com um volume disponível abaixo de 30%, e apenas 2 açudes terminaram com um volume armazenado superior a 90% (Tabela 3.4).

Tabela 3.4: Capacidade (hm³), Volume Atual (hm³) e de Armazenamento por Regiões Hidrográficas, Ceará - Dez./2018.

Regiões Hidrográficas	Capac. (hm ³)	Vol. Atual (hm ³)	Vol. Perc. (%)
Acaraú	1.718,27	429,32	24,99
Alto Jaguaribe	2.778,52	173,14	6,23
Baixo Jaguaribe	24,00	8,23	34,29
Banabuiú	2.755,32	190,42	6,91
Coreaú	303,74	195,37	64,32
Curu	1.028,80	108,05	10,50
Litoral	214,9	125,89	58,58
Médio Jaguaribe	7.386,69	315,35	4,27
Metropolitana	1.382,10	294,63	21,32
Salgado	452,31	71,25	15,75
Serra da Ibiapaba	141,00	44,06	31,25
Sertões de Crateús	436,04	25,56	5,86
Ceará	18.621,69	2.076,00	11,15

Fonte: COGERH, 2018.

Analisando a ocorrência de veranicos no estado do Ceará, a região Metropolitana de Fortaleza foi a mais afetada em 2018, sendo que a sua quantidade variou entre 0 a 7, com 7 veranicos, sendo o maior com duração de 17 dias. Outros territórios afetados pela ocorrência de veranicos foram os territórios Sertão de Canindé, Sertão Central e Médio Jaguaribe, com veranicos de até 32 dias.

A maior parte dos Territórios apresentaram veranicos com duração superior a 15 dias, afetando a umidade do solo e conseqüentemente a necessidade hídrica das plantas (Tabela 3.5).

Tabela 3.5: Ocorrência de veranicos nos Territórios da Cidadania Cearenses, Ceará – 2018.

Território	N.º de Veranicos	N.º de dias do Maior Veranico
Metropolitana de Fortaleza	7	17
Litoral Leste	3	27
Meio-Norte	1	19
Extremo Norte	1	13
Baixo Acaraú	2	8
Ibiapaba	3	21
Zona Norte	2	21
Sertão de Canindé	4	28
Maciço de Baturité	2	23
Baixo Jaguaribe	3	28
Médio Jaguaribe	4	24
Sertão Central	4	32
Centro-Sul	3	30
Sertão De Crateús	2	31
Inhamus	3	30
Cariri	3	32
Cariri-Leste	3	32
Cariri-Oeste	3	25

Fonte: EMATERCE

Neste contexto, a escassez hídrica é um problema constantemente enfrentado pelo estado do Ceará, tendo em vista que o estado é caracterizado por possuir uma quadra chuvosa

concentrada em torno de três meses (março a maio), com os demais 9 meses com chuvas esparsas, em que a maioria da população rural sobrevive da agricultura de sequeiro. Assim, o sucesso das culturas implantadas depende, em grande parte, da regularidade e da quantidade das chuvas.

Situação da Produção de Grãos

Conforme informações apresentadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE¹, a produção de grãos no Estado do Ceará, no ano de 2018, foi da ordem de 636,9 mil toneladas de grãos, sendo 19,7% maior do que a safra obtida em 2017, com destaque para as culturas do milho (475,3 mil ton.) que aumentou seu nível de produção em 27,28% e do feijão (137,9 mil ton.), com crescimento de 3,45%, em relação a safra do ano anterior. Ressalta-se que as culturas do milho e feijão juntas respondem por 96,2% da produção total de grãos do estado do Ceará.

Tabela 3.6: Produção de grãos (t), Ceará, 2017-2018.

Produção de Grãos	Produção (t) 2017 *	Estimativa (t) 2018*	Varição (%) 2018/2017	Participação (%) 2018
Arroz	19.799	17.840	-9,89%	2,80%
Feijão	133.341	137.946	3,45%	21,66%
Milho	373.425	475.298	27,28%	74,62%
Outros Grãos	5.551	5.869	5,73%	0,92%
Total	532.116	636.953	19,70%	100,00%

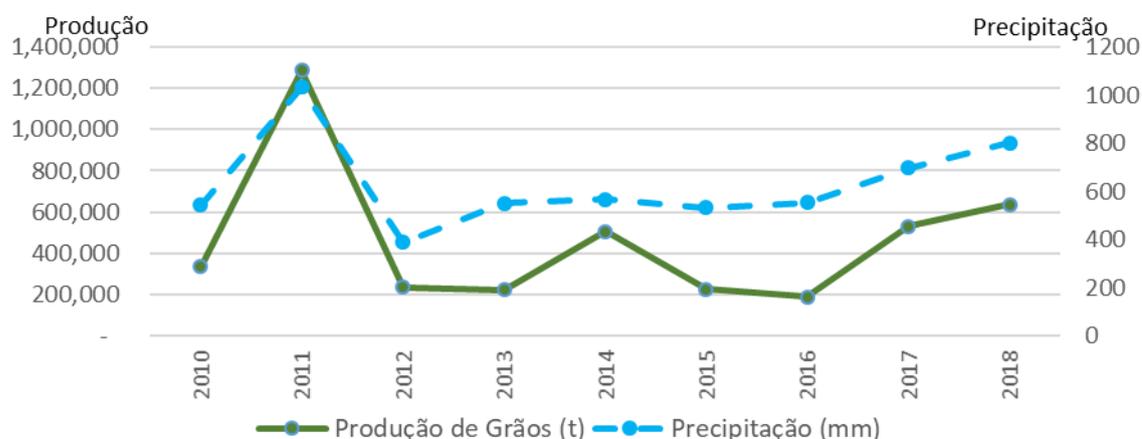
Fonte: LSPA/IBGE.

Nota: (*) Os dados de 2017 referem-se aos valores da produção obtida e os de 2018 corresponde a estimativa da safra pela LSPA/IBGE.

Quanto a participação no volume total de grãos produzidos no estado do Ceará, o destaque é a cultura do milho que respondeu, em 2018, por 74,62% da produção total de grãos. Ressalta-se que o desempenho positivo de 2018, foi influenciado por uma quadra chuvosa com chuvas melhor distribuídas tanto do tempo como no espaço, e com a ocorrência de um menor número de veranicos comparado ao ano de 2017, possibilitando desta uma maior disponibilidade de água para as culturas produtoras de grãos, insumo essencial a produção de grãos no estado, tendo em vista que a grande maioria das culturas produtoras de grãos são cultivadas sob a forma de sequeiro, ou seja, dependem das chuvas para o seu desenvolvimento e produção.

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

Gráfico 3.2: Produção de grãos (t) x precipitação pluviométrica (mm), Ceará, 2010-2018.



Fonte: LSPA/IBGE; FUNCEME.

Produção de frutas

A produção de frutas do Ceará, em 2018, apresentou comportamento diferenciado entre as culturas. Verificou-se que a produção de banana indicou redução de 1,72%, em 2018, comparada a 2017, justificada pela diminuição de área cultivada do plantio de sequeiro. O cultivo de mamão também registrou queda na área, implicando em redução na produção. Porém, observou-se um aumento na produtividade tanto de banana como de mamão, indicando melhores práticas de plantio, como uso de tecnologia e pesquisa. Outras frutas que também apresentaram queda foram: laranja (-12,87%) e manga (-6,81%).

A estimativa de produção de castanha de caju indicou aumento de 2,39%, apesar da redução da área colhida, revertendo um comportamento de queda que vinha apresentando nos anos anteriores.

A produção de frutas irrigadas apresentou aumento em 2018, comparado ao ano de 2017, com destaque para melão que cresceu 20,7%, melancia (39,6%), maracujá (55,5%) e coco-da-baía (36,0%).

Tabela 3.7: Produção obtida e estimativa de Frutas (em toneladas) no Ceará - 2017-2018

Produção de Frutas	Produção 2017	Estimativa 2018*	Varição (%) 18/17
Acerola	12.995	19.650	51,21
Banana	393.738	386.978	-1,72
Goiaba	17.698	18.281	3,29
Laranja	9.480	8.260	-12,87
Mamão	115.525	99.503	-13,87
Manga	45.337	42.250	-6,81
Maracujá	94.816	147.457	55,52
Melancia	29.066	40.568	39,57
Melão	70.593	85.219	20,72
Castanha de caju	81.098	83.033	2,39
Coco-da-baía **	186.732	254.093	36,07

Fonte: IBGE. Notas: (*) As quantidades de 2018 referem-se as estimativas obtidas pela LSPA.

(**) Produção em mil frutos.

Embora as chuvas de 2018 não tenham sido suficientes para aumentar o aporte de água dos reservatórios do estado, o volume registrado foi em torno da média, sendo a maior precipitação dos últimos sete anos. Dessa forma, o solo ficou mais úmido e em melhor condição de plantio, o que proporcionou aumento da produção de grãos e da produção de frutas.

Pecuária

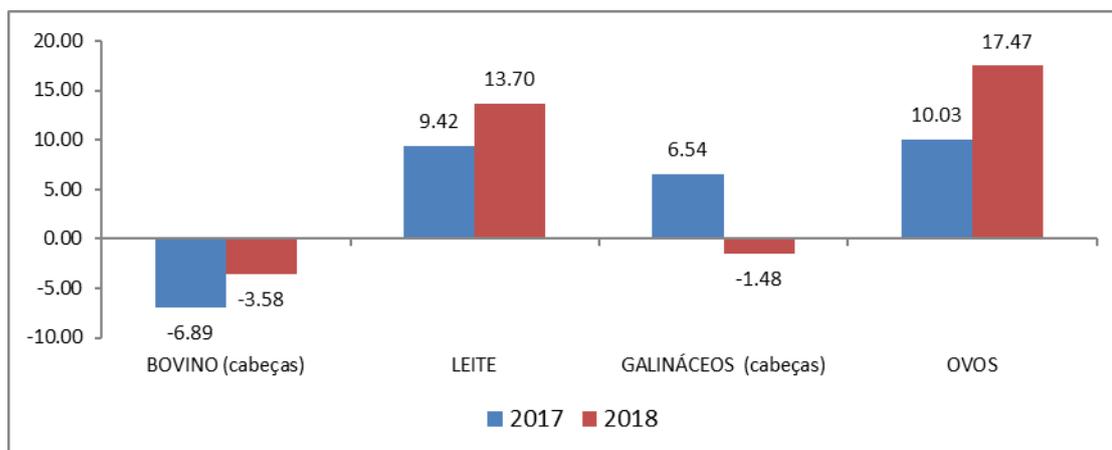
A estimativa de 2018, para a pecuária cearense, indicou mais um ano positivo para a atividade, mantendo a tendência de crescimento observada nos últimos três anos. Esse resultado foi influenciado principalmente pelo aumento de produção dos produtos de origem animal, a destacar a produção de leite e ovos que cresceram 13,7% e 17,5%, respectivamente, em 2018, comparado com o ano de 2017.

A produção de leite do Ceará vem ganhando destaque devido a tecnologia utilizada, aumento a produtividade e a qualidade do leite. Com relação a produção de ovos ela vem acompanhando o crescimento do mercado consumidor, onde, conforme informações da Associação Cearense de Avicultura (ACEAV), o consumo per capita desta proteína no Brasil saltou de 140 para 190 ovos por habitante/ano na última década, mostrando a importância desta cadeia produtiva.

Porém, ao analisar a produção de rebanho bovino, verificou-se que a estimativa para 2018 foi negativa, mantendo a tendência de queda que vem sendo registrada nos últimos seis anos em decorrência do longo período de seca que afetou o Ceará.

A atividade de aves também indicou queda (-1,5%), em 2018, porém as estimativas do segundo e terceiro trimestre apontavam uma queda maior. Desta forma, há uma sinalização de recuperação ao longo do ano dessa atividade.

Gráfico 3.3: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2017-2018



Fonte: IBGE/IPECE

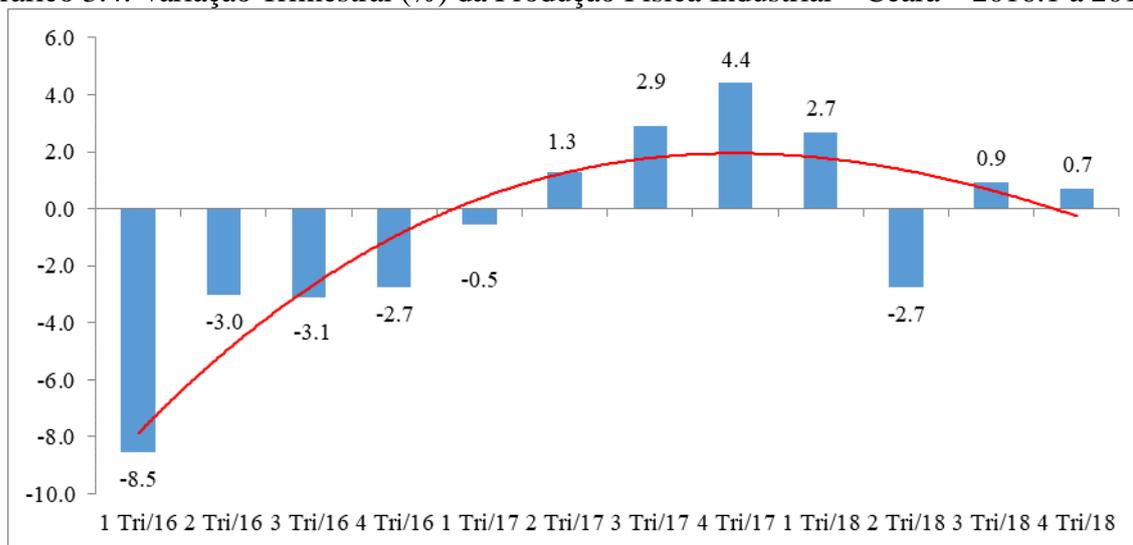
3.3 Indústria

Indústria de Transformação

No quarto trimestre do ano, a indústria de transformação cearense voltou a registrar crescimento. Entre os meses de outubro e dezembro, a atividade apresentou uma expansão de 0,7% em sua produção física na comparação com iguais meses de 2017. Os dados constam da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

O resultado para o último quarto do ano manteve o desempenho da indústria num ambiente positivo no segundo semestre de 2018. No terceiro trimestre, após a crise dos caminhoneiros que caracterizou o período anterior, a indústria voltou a crescer e alcançou 0,9% de expansão. Apesar de positivos, os resultados são tímidos e retratam a repercussão do choque negativo de oferta em que se constituiu a paralisação dos motoristas, além da base de comparação mais elevada do segundo semestre de 2017. De fato, no ano passado, o crescimento foi de 2,9% e 4,4% nos terceiro a quarto trimestres respectivamente. No Gráfico 3.4, a seguir, destaca-se a trajetória da atividade nos últimos anos.

Gráfico 3.4: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2016.1 a 2018.4



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração IPECE.

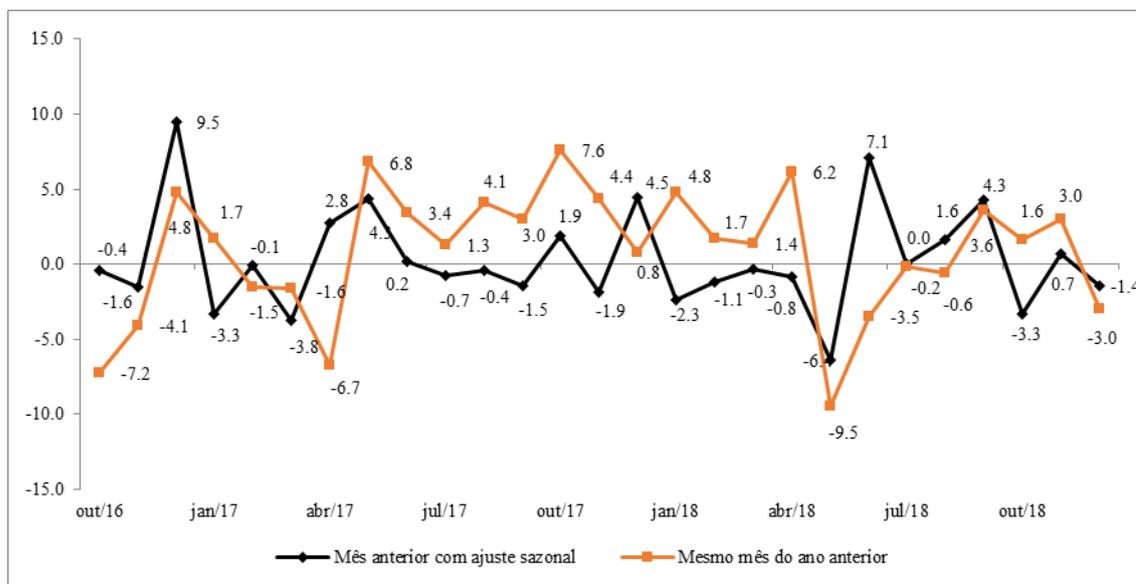
Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

O desempenho tímido para o trimestre retrata uma oscilação mensal da produção no período em análise. Na avaliação contra os mesmos meses do ano anterior, a manufatura no estado registrou seguidas expansões em outubro e novembro e retração em dezembro, sendo, 1,6%, 3,0% e -3,0%, respectivamente.

Na comparação com os meses imediatamente anteriores, o movimento foi de desaceleração após altas seguidas nos meses de julho, agosto e setembro. Em outubro, a indústria reduziu a produção em 3,3% na comparação com setembro. Em novembro, cresceu 0,7% contra outubro e voltou a cair 1,4%, na avaliação dezembro contra novembro. A oscilação em terreno negativo neste tipo de comparação sugere relativa ausência de dinamismo na atividade, o que impede um crescimento mais consistente. De fato, a despeito dos argumentos

do tempo necessário para o pleno reestabelecimento das condições de produção após a greve e da base de comparação elevada de 2017, as análises mensais indicam um desempenho demasiadamente moderado da atividade industrial no Ceará. No gráfico 3.5 são apresentadas as comparações mensais.

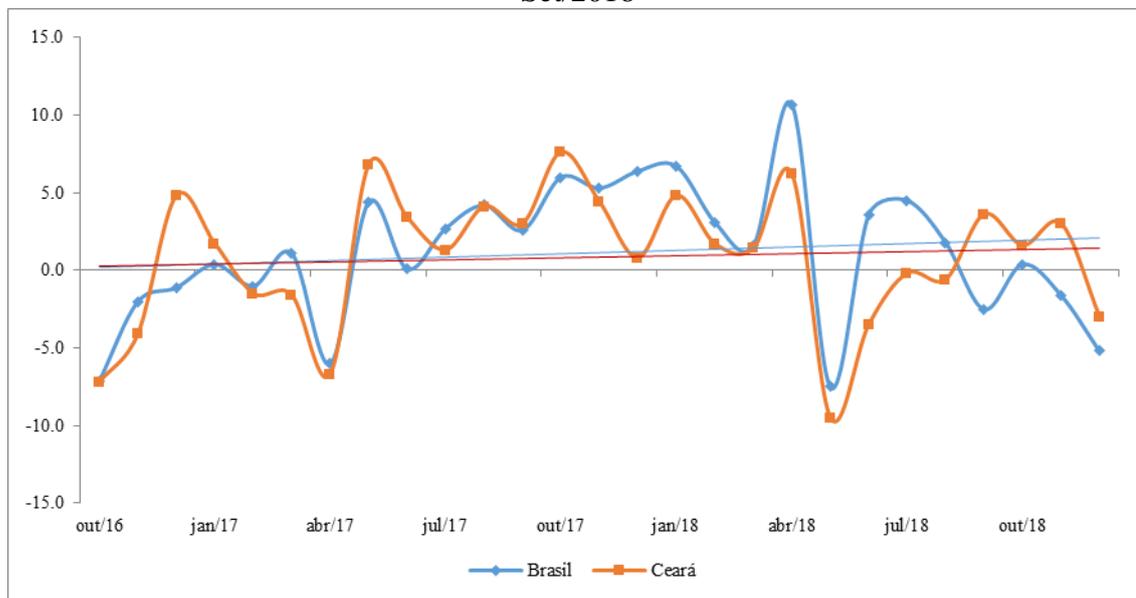
Gráfico 3.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Out/2016 - Set/2018



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

No Gráfico 3.6, a seguir, é possível comparar a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. Na comparação com os anos de 2016 e 2017, com o auxílio das linhas de tendência, é possível perceber a trajetória de melhora do ritmo da produção em ambos os parques ao longo de 2018. Com os últimos resultados, a indústria brasileira mostra uma tendência de expansão levemente superior àquela apresentada pelo Ceará.

Gráfico 3.6: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Out/2016 - Set/2018



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam a tendência de comportamento dos dados no período considerado.

O menor dinamismo relativo da indústria cearense citado acima é confirmado na comparação com os resultados dos demais estados brasileiros. Considerando o resultado acumulado para o ano de 2018, a manufatura cearense registrou uma expansão de apenas 0,4% em relação a 2017. Naquele ano, o crescimento da atividade foi de 2,1% na comparação com 2016.

Com o resultado, o estado do Ceará ocupou a última posição entre as nove unidades da federação que apresentaram crescimento na atividade industrial. Com desempenho inferior ao estado apenas Mato Grosso (-0,1%), Minas Gerais (-0,7%), Espírito Santo (-2,8%), Goiás (-4,6%) e Pará (-9,3%). Por outro lado, entre as unidades que cresceram em 2018, destaque para o Rio Grande do Sul (5,5%) e o Amazonas (5,4%) com as maiores expansões. Com os números finais de 2018, o resultado estadual se posicionou abaixo do alcançado pela região Nordeste (0,8%) e foi também inferior ao nacional (1,1%). Na Tabela 3.8, tem-se os resultados para os Estados pesquisados, para o país e para a região.

Tabela 3.8: Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Out-Dez/2017 e 2018 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2017)			Acumulado Ano (2017)	Variação Mensal (2018)			Acumulado Ano (2018)
	Outubro	Novembro	Dezembro		Outubro	Novembro	Dezembro	
Brasil	6,0	5,3	6,4	2,2	0,4	-1,6	-5,2	1,1
Nordeste	-0,2	3,9	-1,3	0,0	3,3	-1,7	-6,3	0,8
Rio Grande do Sul	-1,9	0,4	1,1	0,6	15,0	12,2	-2,5	5,5
Amazonas	13,3	1,5	18,5	5,0	1,9	-2,6	-6,1	5,4
Pernambuco	-1,9	6,3	4,4	0,9	4,8	-5,2	-7,6	4,1
Santa Catarina	9,0	8,0	4,6	4,5	8,0	3,7	-1,3	4,0
Rio de Janeiro	14,1	8,9	14,7	4,9	-2,5	-7,3	-4,0	3,1
Paraná	4,5	3,2	-0,1	4,5	1,5	-0,1	0,6	1,8
Bahia	-2,9	2,1	-2,4	-1,7	7,3	-1,2	0,7	0,8
São Paulo	7,1	7,1	10,2	3,5	-3,0	-3,4	-5,2	0,8
Ceará	7,6	4,4	0,8	2,1	1,6	3,0	-3,0	0,4
Mato Grosso	27,8	2,4	6,8	4,1	-3,3	-1,9	-2,3	-0,1
Minas Gerais	5,7	4,5	2,3	0,9	0,9	-2,4	-0,3	-0,7
Espírito Santo	-4,4	8,2	-5,0	1,6	4,2	1,2	-0,7	-2,8
Goiás	11,6	20,0	7,1	4,5	-7,8	-16,1	-0,3	-4,6
Pará	-1,5	-4,9	-2,5	-4,3	-10,5	-7,1	-18,4	-9,3

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2018.

Resultados Setoriais

Considerando as atividades industriais que compõem o segmento da transformação, no quarto trimestre do ano, apenas três das onze atividades pesquisadas apresentaram resultados positivos para a produção na comparação com igual período do ano anterior. Esse quadro mostra um revés em relação ao trimestre anterior, quando seis atividades aumentaram a produção. Embora o resultado para o conjunto da indústria indique que o movimento de recuperação se mantenha, a dinâmica de tal desempenho e os números setoriais indicam uma desaceleração, uma perda de ritmo.

As atividades que apresentaram expansão na produção foram Fabricação de produtos de metal (75,3%), Metalurgia (27,1%) e Couros e calçados (13,9%). Dentre as que registraram quedas, destaque para as atividades de Confecções e vestuário (-14,9%), Alimentos (-6,8%) e Bebidas (-6,8%) que respondem por uma parcela importante da produção industrial no Ceará. Na Tabela 3.9, a seguir, são apresentados os números para as atividades industriais nos últimos trimestres.

Tabela 3.9: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2017 e 2018

Setores	Variação Trimestral							
	2017				2018			
	I	II	III	IV	I	II	III	IV
Indústrias de transformação	-0,5	1,3	2,9	4,4	2,7	-2,7	0,9	0,7
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-44,0	-33,3	-12,9	27,7	101,8	17,0	3,2	75,3
Metalurgia	47,3	79,6	43,5	9,6	1,2	-1,2	14,2	27,1
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	10,5	4,1	1,8	-0,6	-4,6	-5,6	2,5	13,9
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,2	-18,7	-9,5	-8,1	-1,1	-6,3	-3,5	-1,4
Fabricação de bebidas	-16,0	3,3	-0,7	13,2	18,9	-3,6	5,9	-6,8
Fabricação de produtos alimentícios	4,5	1,9	6,6	-2,0	-3,6	1,3	-2,6	-6,8
Fabricação de produtos têxteis	16,2	14,5	6,3	2,7	-0,2	-2,0	6,5	-8,1
Fabricação de outros produtos químicos	2,5	-8,6	29,3	26,5	14,5	0,0	-6,8	-12,9
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,2	0,9	-3,3	23,9	9,6	-1,5	2,5	-13,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-32,0	-39,3	-18,4	0,7	15,0	16,5	-4,9	-14,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,8	14,6	8,5	11,9	-0,2	-12,7	-1,5	-14,9

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo crescimento em 2018.4.

Na sequência, a Tabela 3.10 permite comparar a taxa de crescimento acumulada em 2017 e 2018 para todos os setores. Em sua última coluna, é apresentada a contribuição de cada atividade pesquisada para o crescimento total do segmento da transformação.

O resultado de 2018 é explicado por algumas atividades cuja contribuição foi positiva. Entre estas, destaque para a Fabricação de produtos de metal, Couros e Calçados, Metalurgia e Bebidas. Por outro lado, atividades tradicionais e com especial relevância para indústria cearense registraram intensas reduções em 2018, com efeitos fortemente negativos sobre o resultado acumulado do ano. Entre estas, destaque para as atividades de Confecções e Vestuário, e Alimentos. Esse desempenho negativo de segmentos importantes para manufatura cearense é um componente que ajuda a entender a perda de dinamismo por parte do setor.

Tabela 3.10: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física em 2017 e 2018 e Contribuição (em p.p.) ao Acumulado do Ano de 2018 – Atividades Industriais - Ceará

Setores	Acumulado Ano (2017) (%)	Acumulado Ano (2018) (%)	Contribuição ao Acumulado do Ano (2018) (em p.p.)
Indústrias de transformação	2,10	0,40	-
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-16,70	55,20	0,80
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	3,50	2,10	0,62
Metalurgia	41,80	10,00	0,51
Fabricação de bebidas	0,10	2,60	0,25
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-22,50	0,80	0,06
Fabricação de produtos têxteis	9,80	-0,70	-0,03
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,20	-1,60	-0,06
Fabricação de outros produtos químicos	13,00	-2,80	-0,09
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-12,30	-3,00	-0,13
Fabricação de produtos alimentícios	2,70	-2,90	-0,55
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	9,30	-7,70	-0,97

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pela contribuição ao acumulado do ano de 2018. (p.p.) pontos percentuais.

A análise do ano de 2018 deve, necessariamente, considerar os efeitos da greve dos caminhoneiros e seus desdobramentos que alteraram as condições de oferta e limitaram a capacidade de expansão do setor no último ano. Para além deste componente, a avaliação não deve negligenciar a forte mudança na base de comparação que se observa ao longo de 2017, em especial no segundo semestre. É preciso perceber que as expansões no ano corrente se dão sobre um crescimento relevante no ano passado.

Aos condicionantes acima, adiciona-se a percepção de que ao longo do ano a atividade industrial tenha seguido um movimento de acomodação do ritmo de expansão. Tal comportamento parece ter sido motivado por um processo de construção de expectativas influenciado por uma campanha política fortemente polarizada e pouco clara quanto à pauta econômica dos candidatos com maior chance de vitória, o que naturalmente leva a uma postura mais prudente por parte dos agentes. Mesmo após os resultados do pleito eleitoral, a necessidade de mais clareza quanto aos rumos da economia continua presente no processo decisório dos agentes econômicos.

Por fim, os números do último trimestre e de encerramento do ano indicam que para a indústria cearense, em particular, elementos internos à atividade no estado parecem ganhar relevância na explicação do comportamento do setor. A perda de dinamismo mencionada no texto pode, então, estar associada às características internas no momento pós-crise ou à formação de expectativas. Os resultados iniciais de 2019 devem ajudar a esclarecer o diagnóstico.

3.4 Serviços

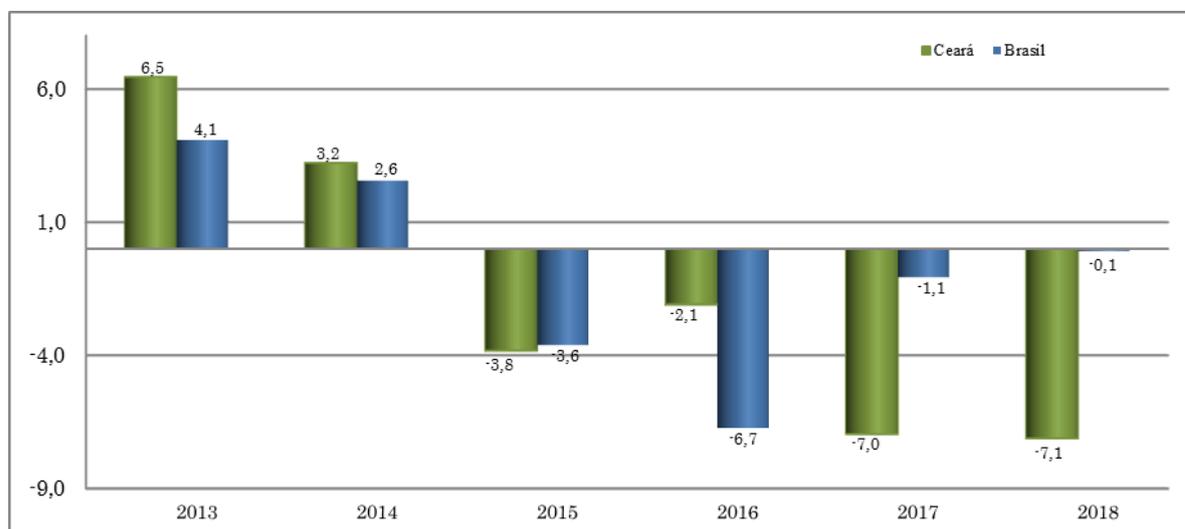
Pesquisa Mensal de Serviços²

Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE revelam que os serviços empresariais não-financeiros do Ceará encerram o ano de 2018 com forte queda de 7,1%, valor semelhante ao de 2017, quando havia recuado 7,0%. No nacional, o setor finaliza o ano praticamente estável ao registrar um leve recuo de 0,1%.

O Gráfico 3.7 apresenta que este é o quarto ano seguido de desempenho negativo, tendo nestes dois últimos havido queda ainda mais intensa, mostrando que o setor ainda não retomou plenamente sua recuperação desde a retomada cíclica iniciada no início de 2017, após a crise que se deu nos anos de 2015 e 2016. No Brasil, embora o setor ainda se encontre no terreno negativo, o baixo desempenho tem sido cada vez menor (ver Gráfico 3.7).

Em 2013, os serviços empresariais não-financeiros na PMS do Estado do Ceará tinham apresentado desempenho positivo de 6,5%, seguido de um crescimento de 3,2% em 2014, revelando que o setor já apresentava desaceleração. No caso do Brasil, as taxas registradas foram de 4,1% e 2,6%, respectivamente. Esses resultados indicam que os dados da PMS tendem a apresentar maior defasagem com relação às contrações e expansões dos ciclos econômicos observados nos documentos anteriores à medida que seus indicadores não respondem diretamente a queda e recuperação das atividades econômicas.

Gráfico 3.7: Variação Anual (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Brasil/Ceará – 2013 a 2018



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

² A Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) apresenta cinco grandes grupos, a saber: 1) Serviços Prestados às Famílias; 2) Serviços de Informação e Comunicação; 3) Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares; 4) Transportes, Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio; 5) Outros Serviços. Deve-se frisar que esses segmentos não são iguais aos subsectores daqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas.

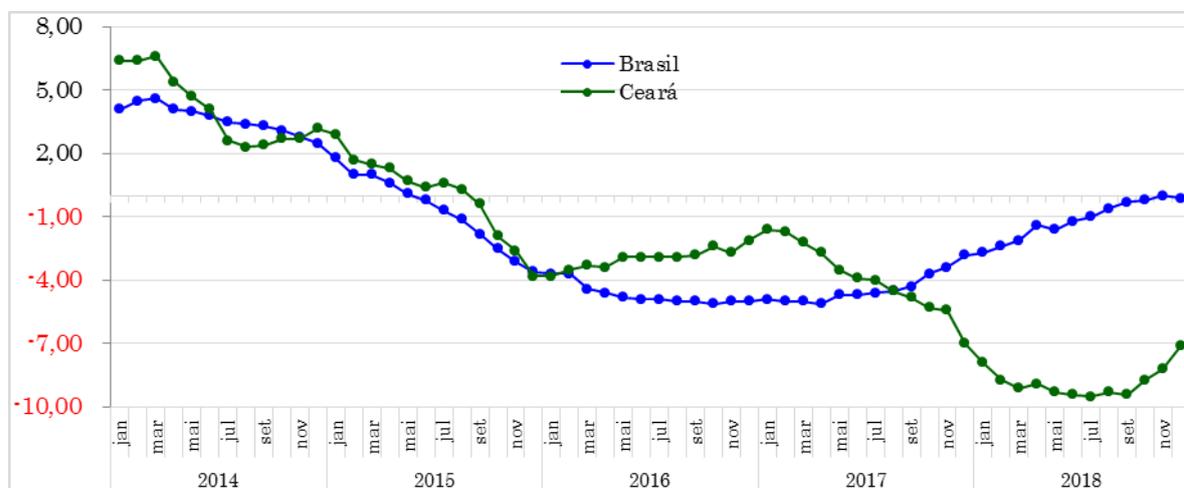
Neste mesmo contexto, o Gráfico 3.8 apresenta os resultados para o acumulado dos últimos 12 meses tanto para o Brasil como para o Ceará a partir de janeiro de 2014 até dezembro de 2018.

Os resultados a seguir estão em linha com os números apresentados no gráfico anterior à medida que revela que o setor de serviços da PMS apresenta uma defasagem de resposta com relação à recuperação cíclica da economia. Como observado desde o segundo trimestre de 2014, os dados da PMS descrevem essa dinâmica distinta de outras atividades registradas no presente trabalho.

De fato, embora a partir do segundo trimestre de 2014³ indicadores já sinalizassem estagnação econômica, os dados do Gráfico 3.8 indicam que até o primeiro trimestre de 2015 o acumulado dos últimos 12 meses ainda apresentava desempenho positivo. Adicionalmente, desde o segundo trimestre de 2015 até o segundo semestre de 2017 o setor, no caso do Brasil, atinge um vale seguindo a partir daí um lento processo de recuperação.

No Estado do Ceará, por sua vez, o vale do setor ocorre ao longo de 2018 iniciando seu processo de recuperação apenas a partir do último trimestre do ano, embora operando fortemente em terreno negativo, como já também destacado anteriormente.

Gráfico 3.8: Variação acumulada dos últimos 12 meses da Produção Mensal dos Serviços – Ceará/Brasil



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

No que tange aos segmentos, os dados do desempenho anual são apresentados nos Gráfico 3.9 para os quatro principais que compõem o setor de serviços empresariais não-financeiros da Pesquisa Mensal dos Serviços do Brasil e do Ceará.

Para o Ceará, os Serviços Prestados às Famílias foi o único segmento que apresentou desempenho positivo no Estado Ceará com crescimento expressivo de 11,9% no ano de 2018. No Brasil, o segmento permaneceu praticamente estável, com uma leve variação positiva de 0,2%. O ambiente conjuntural favorável com inflação abaixo do teto da meta, taxa de juros

³ Ver Comunicado de agosto de 2015 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

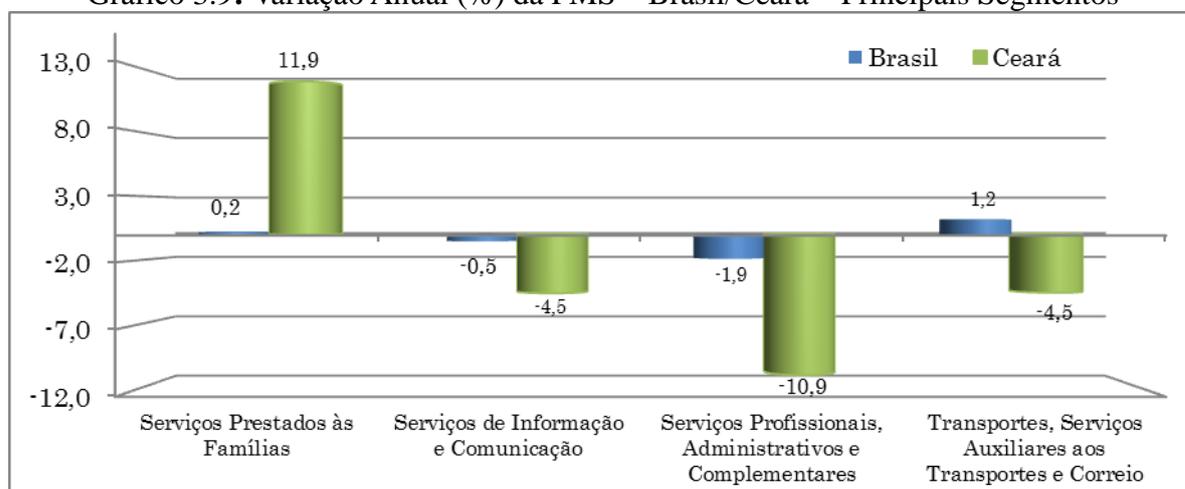
historicamente baixas e leve recuperação do mercado de trabalho contribuiu para a ampliação do crédito e elevação do consumo das famílias cearenses.

Por outro lado, Serviços de Informação e Comunicação, setor mais intensivo em capital, tiveram contração de 4,5% no Ceará e leve recuo de 0,5% no Brasil. Diante da incerteza no cenário nacional em razão das eleições presidenciais, que dificultou o horizonte de planejamento, os investimentos ainda não apresentaram resposta diante da recuperação cíclica.

No caso dos Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares o segmento cearense teve forte retração de 10,9%, enquanto o nacional o recuo foi de 1,9%. Similar ao segmento de Informação e Comunicação, este é um setor composto por empresas, e, portanto, que reflete a incerteza diante de futuros investimentos perante o cenário futuro.

Para o segmento de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, o crescimento de 1,2% para o Brasil foi surpreendente considerando a paralização dos caminhoneiros no final de maio e início de junho. No caso do Ceará, o recuo de 4,5% parecem refletir de forma mais direta o impacto. Além disso, como é presente em diversas cadeias produtivas industriais, esses resultados podem está associados diretamente a respostas de outras atividades econômicas.

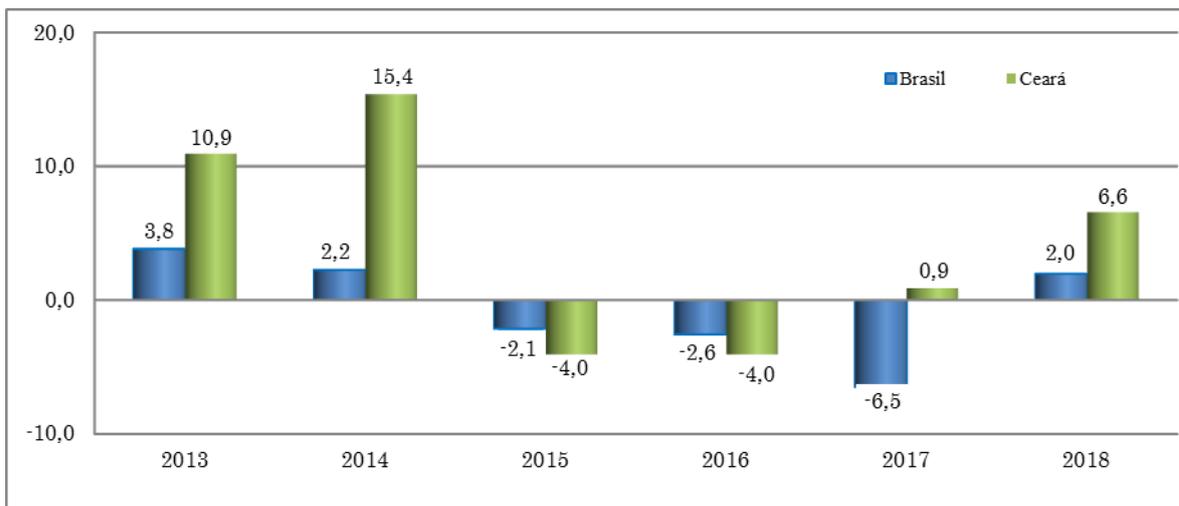
Gráfico 3.9: Variação Anual (%) da PMS – Brasil/Ceará – Principais Segmentos



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Finalmente, o Gráfico 3.10 apresenta a evolução anual a partir de 2013 do Índice de Atividades Turísticas (IATUR), que é construído a partir de dez agrupamentos de atividades ligados ao setor. Como observado, o segmento cearense tende a apresentar tanto maior desempenho positivo como maior retração, além de recuperação mais rápida. De fato, nos anos de 2013 e 2014 o crescimento foi de 10,9% e 15,4%, respectivamente. Para o Brasil, o crescimento foi de apenas 3,8% e 2,2%, respectivamente.

Gráfico 3.10: Variação Anual (%) da PMS – Brasil/Ceará – Índice de Atividades Turísticas



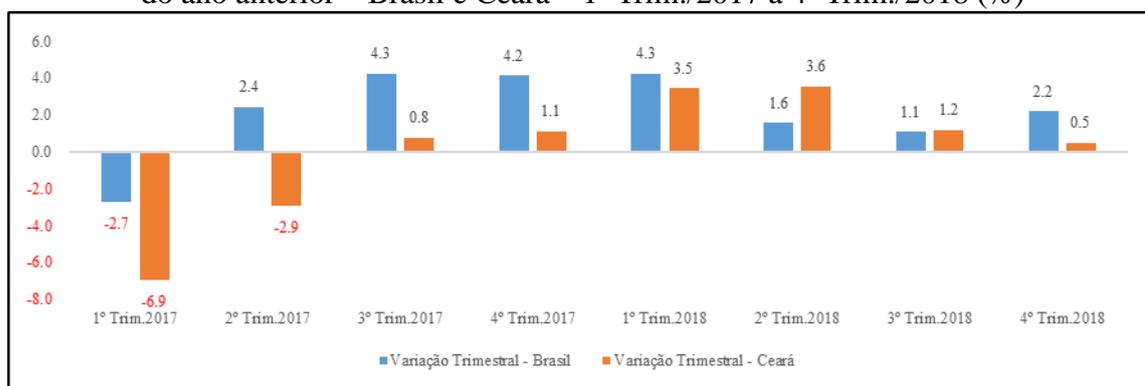
Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nos anos de crise de 2015 e 2016 o segmento do Estado do Ceará recuou 4,0% em cada ano tendo em 2017 já apresentado recuperação de 0,9%. Em 2018, a IATUR cearense apresentou 6,6% tendo o nacional registrado desempenho de 2,0%.

Comércio Varejista

As vendas do varejo comum brasileiro registraram nova alta de 2,2% no acumulado do 4º trimestre do ano de 2018 comparado a igual período do ano passado, conforme dados da Pesquisa Mensal do Comércio divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelando, assim, uma trajetória consistente de crescimento do varejo comum nacional. Por sua vez, o varejo comum cearense registrou crescimento, mas num ritmo bem menos intenso igual a 0,5% (Gráfico 3.11).

Gráfico 3.11: Variação trimestral das vendas do varejo comum em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Brasil e Ceará – 1º Trim./2017 a 4º Trim./2018 (%)

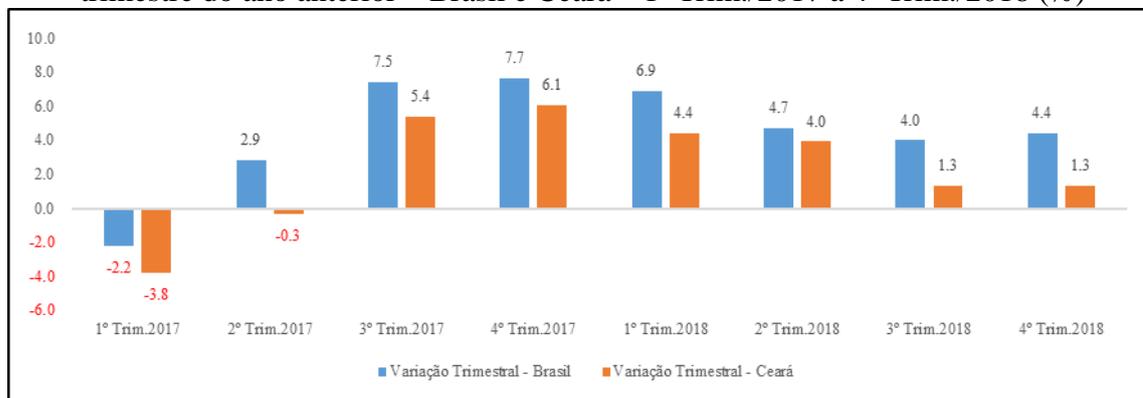


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em relação as vendas do varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos e de materiais de construção, o país registrou alta bem mais significativa de 4,4%, no 4º trimestre de 2018, comparado a igual período de 2017, resultado da recuperação nas vendas dessas duas atividades, em especial, as vendas de veículos, mantendo, assim, uma trajetória de expansão mais acelerada quando comparado as vendas do varejo comum. Enquanto isso, as vendas do

varejo ampliado cearense registraram crescimento de 1,3%, também como resultado do avanço nas vendas de veículos (Gráfico 3.12).

Gráfico 3.12: Variação trimestral das vendas do varejo ampliado em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Brasil e Ceará – 1º Trim./2017 a 4º Trim./2018 (%)

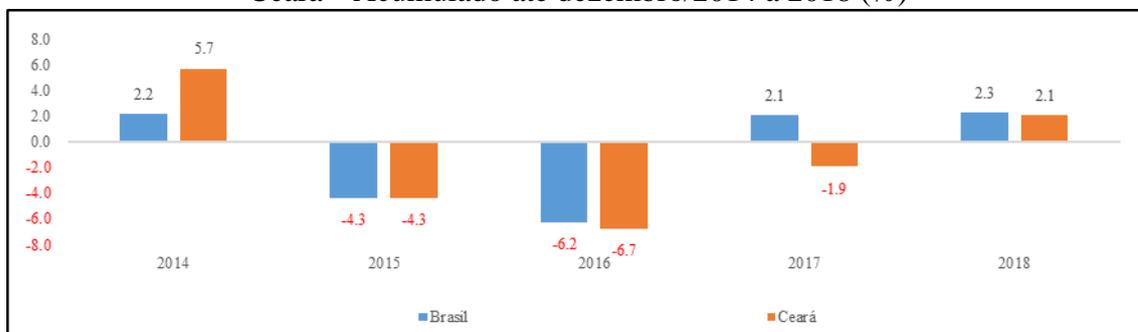


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Na sequência, é possível observar a dinâmica da variação anual das vendas do varejo comum no Brasil e no Ceará para o acumulado até dezembro nos últimos cinco anos. Como resultado da melhoria nos indicadores macroeconômicos, a exemplo da desaceleração da taxa de inflação que garante a manutenção do poder aquisitivo dos salários, combinado com a melhoria no crédito dada a manutenção da taxa de juros nos níveis mais baixos historicamente e também da melhoria dos indicadores de emprego e renda no mercado de trabalho tudo isso vem contribuindo para que o varejo comum nacional venha registrando uma trajetória ascendente de expansão nos últimos dois anos. Em 2017, a variação nas vendas do varejo comum nacional foi de 2,1% e no ano de 2018, essa atividade registrou crescimento ainda maior de 2,3%.

O varejo comum cearense também sentiu os efeitos da melhoria nesse ambiente econômico ao registrar a primeira variação positiva de 2,1%, após três anos de retração nas vendas estaduais, revelando assim, os primeiros sinais de recuperação desse setor.

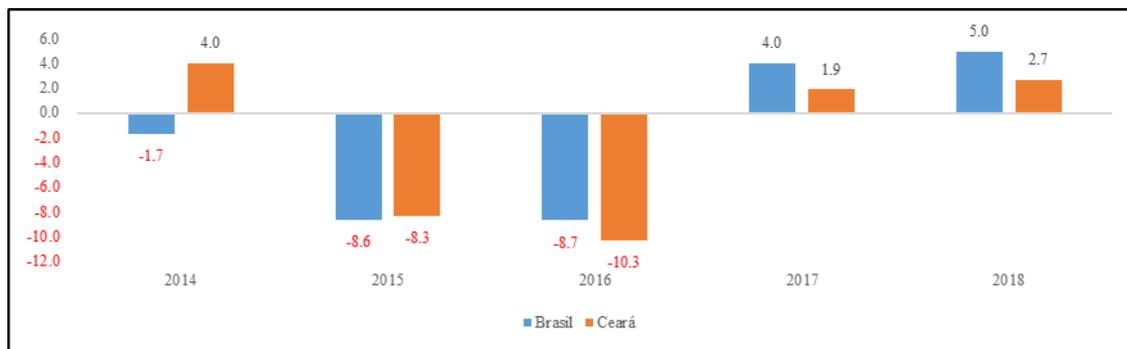
Gráfico 3.13: Variação anual das vendas do varejo comum em relação ao anterior – Brasil e Ceará – Acumulado até dezembro/2014 a 2018 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

As vendas do varejo ampliado nacional e cearense apresentaram desempenho ainda melhor com taxas de crescimento de 4,0% e 5,0% para o país e de 1,9% e 2,7% para o estado, ambas para os anos de 2017 e 2018, confirmando a trajetória de expansão já observada no varejo comum como visto no Gráfico 3.4 abaixo.

Gráfico 3.14: Variação anual das vendas do varejo ampliado em relação ao anterior – Brasil e Ceará – Acumulado até dezembro/2014 a 2018 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Vendas do Varejo no Contexto Nacional

A Tabela 3.11 abaixo apresenta a variação anual das vendas do varejo comum no acumulado do ano até o mês de dezembro dos últimos cinco anos para o Brasil e estados. Nota-se que nos anos de crise, ou seja, 2015 e 2016, apenas um estado havia registrado variação positiva nas vendas do varejo comum. Todavia, em 2017, um total de dezoito estados passaram a registrar alta nas vendas do varejo comum, aumentando esse contingente para vinte e um estados em 2018.

Os cinco estados que registraram as maiores altas nas vendas do varejo comum no acumulado do último ano foram: Santa Catarina (+8,1%); Espírito Santo (+7,7%); Acre (+7,6%); Pará (+6,9%) e Rio Grande do Norte (+6,8%). O estado do Ceará registrou a décima quinta posição, com alta de 2,1% no ano. Por outro lado, outros seis estados ainda registraram queda nas vendas a saber: Distrito Federal (-3,6%); Amapá (-1,6%); Pernambuco (-0,8%); Piauí (-0,3%); Minas Gerais (-0,1%) e Bahia (-0,1%).

Tabela 3.11: Variação anual das vendas do varejo comum em relação ao anterior – Brasil e Estados – Acumulado até dezembro/2014 a 2018 (%)

Estados	2014	2015	2016	2017	2018
Santa Catarina	0,4	-3,1	-5,1	13,5	8,1
Espírito Santo	0,3	-7,7	-10,6	-2,3	7,7
Acre	12,6	-2,3	-9,0	4,7	7,6
Pará	2,9	-4,8	-13,1	1,4	6,9
Rio Grande do Norte	3,2	-3,8	-9,1	1,6	6,8
Rondônia	9,3	-6,0	-12,3	5,7	6,3
Tocantins	5,7	-3,7	-8,6	1,2	6,2
Maranhão	5,5	-7,0	-6,8	4,5	5,9
Roraima	9,9	6,7	1,2	-7,3	5,5
Rio Grande do Sul	2,3	-6,1	-5,4	7,2	5,3
Amazonas	0,3	-7,3	-10,6	7,7	4,4
Paraíba	2,6	-10,3	-1,7	-3,3	2,2
São Paulo	1,2	-3,5	-4,8	1,7	2,2
Paraná	2,3	-3,2	-5,2	4,0	2,2
Ceará	5,7	-4,3	-6,7	-1,9	2,1
Mato Grosso	2,5	-8,3	-9,6	6,5	1,9
Mato Grosso do Sul	4,1	-1,6	-6,9	0,5	1,2
Rio de Janeiro	3,2	-3,2	-8,0	-1,9	0,8
Sergipe	1,6	-1,6	-9,9	-5,7	0,6
Alagoas	4,5	-8,0	-6,4	7,7	0,4
Goiás	1,4	-10,2	-9,3	-8,7	0,1
Bahia	4,6	-8,0	-12,1	-0,3	-0,1
Minas Gerais	2,6	-1,9	-1,6	5,0	-0,1
Piauí	2,6	-4,6	-8,8	0,2	-0,3
Pernambuco	2,8	-7,7	-9,9	4,7	-0,8
Amapá	9,0	-12,2	-18,1	1,5	-1,6
Distrito Federal	0,1	-5,9	-10,0	-6,5	-3,6
Brasil	2,2	-4,3	-6,2	2,1	2,3

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No tocante ao varejo ampliado, nenhum estado registrou crescimento no ano de 2015 e apenas um em 2016. A recuperação dessa atividade veio apenas em 2017, quando vinte e dois estados passaram a registrar alta nas vendas, aumentando ainda mais esse número para vinte e cinco estados em 2018 (Tabela 3.12).

As cinco maiores altas no acumulado do último ano foram observadas nos seguintes estados: Espírito Santo (+13,5%); Rondônia (+10,6%); Santa Catarina (+10,5%); Tocantins (+10,1%) e Amazônia (+9,6%). O estado ocupou a vigésima primeira colocação com alta de 2,7%. Apenas os estados do Distrito Federal (-2,7%) e Amapá (-0,9%) registraram queda nas vendas do varejo ampliado em 2018 (Tabela 3.12).

Tabela 3.12: Variação anual das vendas do varejo ampliado em relação ao anterior – Brasil e Estados – Acumulado até dezembro/2014 a 2018 (%)

Estados	2014	2015	2016	2017	2018
Espírito Santo	-3,9	-16,2	-15,0	6,9	13,5
Rondônia	5,7	-9,8	-7,0	-2,7	10,6
Santa Catarina	1,5	-10,1	-7,9	14,2	10,5
Tocantins	5,3	-14,8	-13,1	8,5	10,1
Amazonas	1,9	-10,5	-11,4	12,0	9,6
Mato Grosso	0,5	-11,5	-10,8	8,3	9,3
Acre	4,7	-11,3	-11,5	6,7	8,1
Roraima	7,1	-0,5	0,7	0,3	8,1
Pará	2,0	-6,6	-14,0	3,9	7,5
Rio Grande do Sul	0,3	-13,2	-9,7	13,3	6,7
São Paulo	-6,2	-5,9	-7,0	2,6	6,2
Maranhão	3,0	-11,3	-11,8	7,7	6,1
Rio Grande do Norte	2,2	-5,9	-9,7	-1,5	5,7
Mato Grosso do Sul	-0,6	-6,1	-7,0	-0,7	4,5
Paraíba	2,5	-14,6	-5,6	1,6	3,9
Sergipe	2,2	-8,1	-12,2	-0,2	3,6
Paraná	-3,0	-9,4	-6,2	4,7	3,2
Piauí	1,4	-8,8	-8,5	0,5	3,1
Minas Gerais	-0,2	-7,0	-5,1	2,6	3,0
Goiás	-2,3	-15,0	-11,8	-8,8	2,8
Ceará	4,0	-8,3	-10,3	1,9	2,7
Alagoas	2,3	-10,9	-8,0	7,5	2,2
Pernambuco	1,4	-10,8	-11,9	3,5	1,7
Bahia	1,1	-9,2	-11,1	1,2	1,5
Rio de Janeiro	1,7	-8,0	-11,3	3,2	1,5
Amapá	-0,2	-12,4	-16,3	5,3	-0,9
Distrito Federal	-0,5	-12,3	-12,2	3,7	-2,7
Brasil	-1,7	-8,6	-8,7	4,0	5,0

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Variação das Vendas do Varejo por Atividades

Por fim, a Tabela 3.13 apresenta a variação anual das vendas do varejo nacional e cearense por setores para o acumulado do ano até dezembro nos últimos cinco anos. Nos anos de crise, do total de treze atividades disponíveis na pesquisa apenas uma registrou crescimento nas vendas do varejo nacional em 2015 e nenhuma em 2016. Todavia, no ano de 2017, observou-se uma forte recuperação quando um total de dez atividades passaram a registrar variações positivas nas vendas. Nota-se que, em 2018, esse número caiu levemente para oito atividades.

As atividades que apresentaram as maiores altas nas vendas nacionais no último ano foram: Veículos, motocicletas, partes e peças (+15,1%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+7,6%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+5,9%); Hipermercados e supermercados (+4,0%); e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+3,8%). Por outro lado, as maiores baixas foram observadas nas vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria (-14,7%); Combustíveis e lubrificantes (-5,0%); Móveis (-3,3%); Tecidos, vestuário e calçados (-1,6%) e Móveis e eletrodomésticos (-1,3%).

Vale destacar que a atividade Outros artigos de uso pessoal e doméstico compreendem as vendas de artigos de cutelaria; artigos para habitação de vidro, cristal, porcelana, borracha, plástico, metal, madeira, vime, bambu e outros similares; panelas, louças, garrafas térmicas,

escadas domésticas, escovas, vassouras, cabides, etc; brinquedos de qualquer material, inclusive eletrônicos; instrumentos musicais; óculos para natação, pranchas, etc.; artigos para caça, pesca e camping; papel de parede e similares; artigos de óptica e por fim, artigos descartáveis em geral (copos, talheres, guardanapos, embalagens para alimentos preparados e outros similares).

As principais razões apontadas para expansão nas vendas de veículos pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) foi o crescimento da economia, redução na taxa de juros, queda na inadimplência, aumento dos empréstimos bancários e a criação de frotas próprias com a greve dos caminhoneiros.

Em relação ao crescimento nas vendas de materiais de construção a principal explicação dada pela Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat) recai sobre a melhoria dos indicadores de emprego e renda especialmente a partir da metade do ano de 2018 que se refletiu diretamente sobre o aumento da demanda sobre esse setor. Todavia, alguns fatores como greve dos caminhoneiros, a alta do dólar nos últimos meses e o clima de incertezas com as eleições impediram um crescimento mais acelerado.

O aumento dos preços dos combustíveis, bem acima da inflação geral, ajudam a explicar a queda nas vendas nessa atividade em todo o país. A melhoria das vendas de alimentos também pode ser explicada pela estabilidade inflacionária e aumento da massa salarial como resultado do aumento da geração de empregos no país.

Tabela 3.13: Variação anual das vendas do varejo por atividades em relação ao anterior – Brasil e Ceará – Acumulado até dezembro/2014 a 2018 (%)

Atividades	Brasil					Ceará				
	2014	2015	2016	2017	2018	2014	2015	2016	2017	2018
Eletrodomésticos	0,9	-13,0	-12,8	11,6	0,2	5,8	-12,5	-28,2	2,5	7,5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,9	-1,3	-9,5	2,1	7,6	15,3	0,4	-11,6	9,5	6,8
Veículos, motocicletas, partes e peças	-9,4	-17,8	-14,0	2,7	15,1	-0,3	-18,2	-16,7	7,2	6,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-1,7	-1,8	-12,3	-3,1	0,1	3,9	-25,1	-10,9	15,4	4,6
Móveis e eletrodomésticos	0,6	-14,1	-12,6	9,5	-1,3	6,7	-10,8	-17,7	-10,9	3,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,3	-2,5	-3,1	1,5	3,8	2,0	-5,2	-3,1	-0,4	2,3
Hipermercados e supermercados	1,3	-2,6	-3,1	1,9	4,0	2,4	-4,7	-2,8	-6,9	1,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	9,0	3,0	-2,1	2,5	5,9	4,4	6,1	-5,2	12,9	1,1
Móveis	0,5	-16,5	-12,1	1,4	-3,3	7,8	-8,0	-1,9	-27,1	0,5
Tecidos, vestuário e calçados	-1,1	-8,6	-10,9	7,6	-1,6	9,4	2,1	-3,3	-2,8	0,2
Combustíveis e lubrificantes	2,6	-6,1	-9,2	-3,3	-5,0	9,8	-4,4	-4,6	-24,3	-2,5
Material de construção	0,0	-8,4	-10,7	9,2	3,5	7,8	-6,4	-21,4	17,7	-2,8
Livros, jornais, revistas e papeleria	-7,7	-10,9	-16,1	-4,1	-14,7	-8,4	-11,7	-21,6	-15,1	-13,2

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

O varejo cearense também experimentou fortemente os efeitos da crise quando em 2015 apenas três atividades e em 2016 nenhuma atividade registrou variação positiva nas vendas. Contudo, o ano de 2017 revelou os primeiros sinais de recuperação quando seis atividades das treze pertencentes a pesquisa registraram crescimento nas vendas. Em 2018, esse número cresceu ainda mais para dez atividades, confirmando a trajetória de recuperação nas vendas.

As cinco atividades que apresentaram as maiores altas no varejo cearense no último ano foram: Eletrodomésticos (+7,5%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+6,8%); Veículos, motocicletas, partes e peças (+6,5%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+4,6%) e a composição de Móveis e eletrodomésticos (+3,5%) todas comparadas ao ano de 2017. A atividade de Móveis registrou alta de apenas 0,5% na mesma comparação. Por outro lado, as três baixas foram observadas nas vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria (-13,2%); Material de construção (-2,8%); e Combustíveis e lubrificantes (-2,5%).

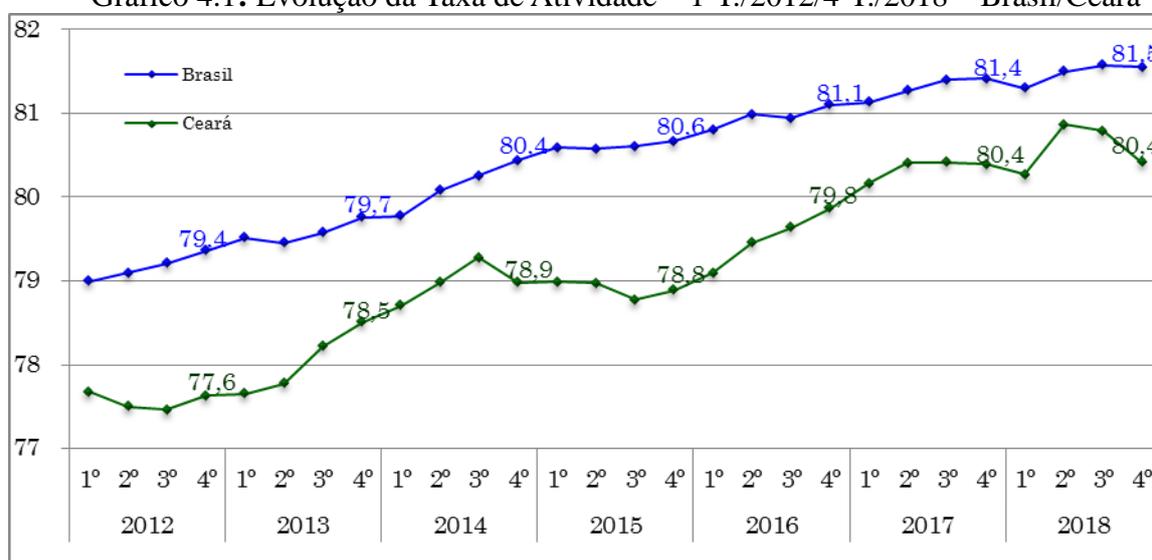
4 Mercado de Trabalho

4.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

O Gráfico 4.1 apresenta a Taxa de Atividade, que é dada pela razão entre a População em Idade de Trabalho (PIT) e a População Total (POP), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC).

Como pode ser observado, a Taxa de Atividade do Brasil tem sido maior que a do Estado do Ceará em razão da sua PIT crescer mais que a POP em termos proporcionais (mais adultos e menos crianças resulta em Oferta de Trabalho maior).

Gráfico 4.1: Evolução da Taxa de Atividade – 1ºT./2012/4ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

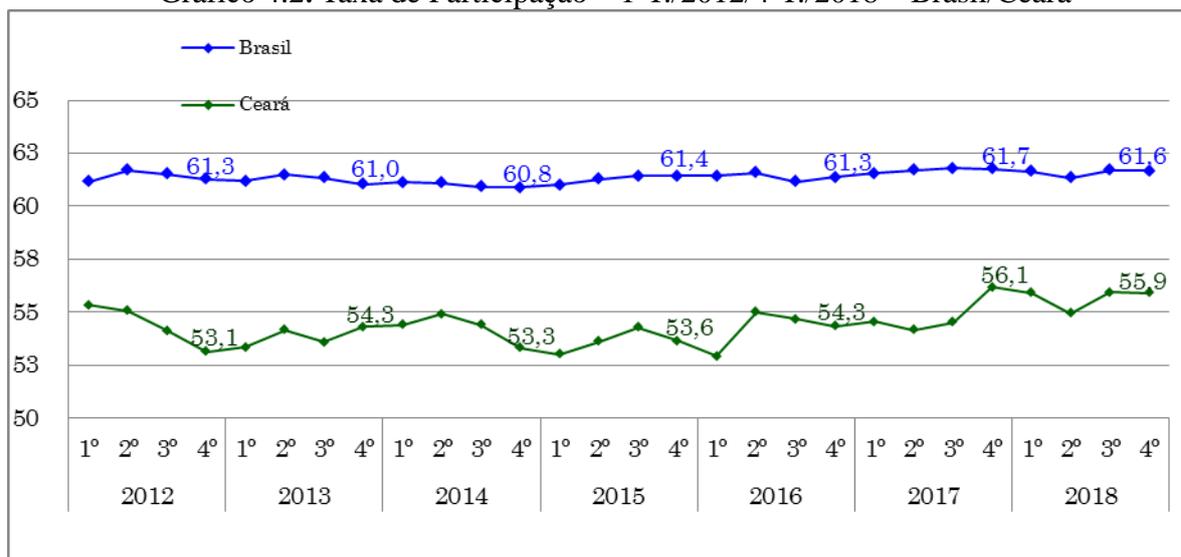
Neste quarto trimestre de 2018 a Taxa de Atividade nacional esteve 1,1 pontos percentuais acima da Taxa de Atividade do Estado do Ceará. No quarto trimestre de 2012 a diferença era de 1,8 pontos percentuais.

O Gráfico 4.2, por sua vez, apresenta a Taxa de Participação (TP), variável que mede a Efetiva Oferta de Trabalho em relação ao contingente populacional que está apto a trabalhar – dada pela razão entre a Força de Trabalho (FT) e a População em Idade de Trabalho (PIT).

No Ceará, após atingir a mínima de 52,9%, no primeiro trimestre de 2016, a partir do segundo trimestre do mesmo ano a Taxa de Participação eleva-se levemente e permanece praticamente até o terceiro trimestre de 2017, voltando a subir no último trimestre deste ano.

Por sua vez, no quarto trimestre de 2018 a Taxa de Participação cearense recuou 0,2 ponto percentual com relação ao quarto trimestre de 2017. Destaca-se também que desde o segundo trimestre de 2017 a Taxa de Participação cearense tem apresentado uma leve tendência pró-cíclica, embora nos dois primeiros trimestres de 2018 ela tenha recuado, voltando a subir nos dois trimestres subsequentes.

Gráfico 4.2: Taxa de Participação – 1ºT./2012/4ºT./2018 – Brasil/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

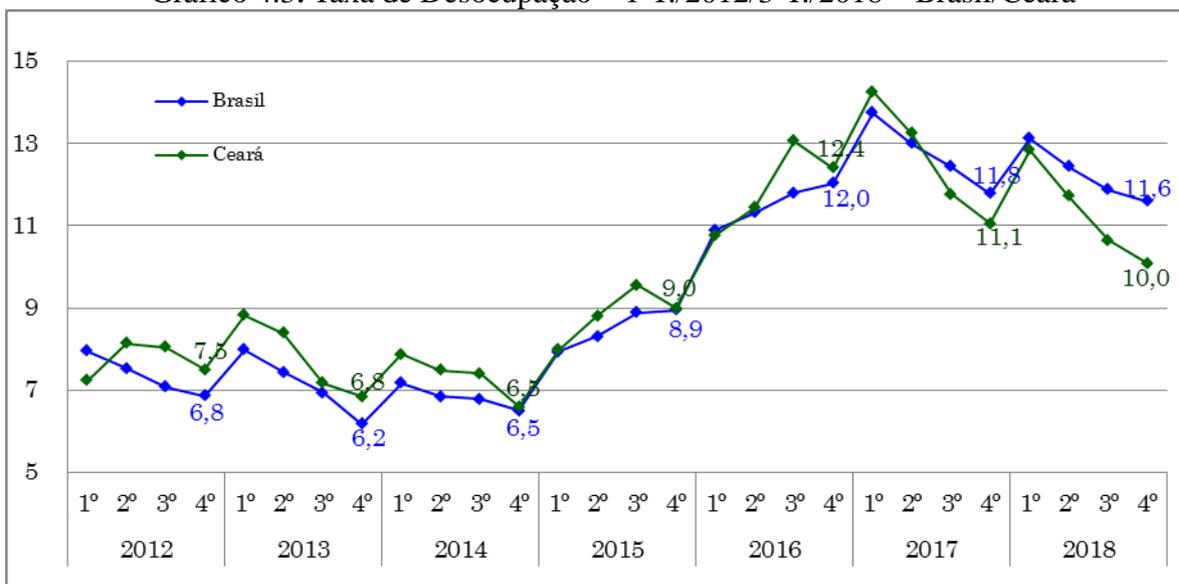
Finalmente, o Gráfico 4.3 apresenta a Taxa de Desocupação (TD). É um indicador que mede uma pressão direta sobre o Mercado de Trabalho de pessoas sem trabalho, que foram a busca e estão disponíveis para começar a trabalhar imediatamente.

Como pode ser observado no Gráfico 4.3, após ter atingindo a máxima na série histórica no primeiro trimestre de 2017, a Taxa de Desocupação do Ceará e do Brasil seguiram uma tendência declinante, principalmente no estado. No primeiro trimestre de 2018, o desemprego voltou a crescer em razão de fatores sazonais, mas desde o pico no primeiro trimestre de 2017 a Taxa de Desocupação vem caindo.

Embora a Taxa de Desocupação ainda esteja acima de dois dígitos e alta comparada ao período pré-crise, ao longo do ano de 2018 o recuo do desemprego no Estado do Ceará ocorreu de forma mais intensa atingindo a taxa de 10%, neste quarto trimestre de 2018, enquanto que no Brasil ficou em 11,6%.

Do quarto trimestre de 2017 ao quarto trimestre de 2018 houve uma redução de 1,1 pontos percentuais no total de desocupados no Estado do Ceará. No Brasil, o recuo foi de apenas 0,2 p.p..

Gráfico 4.3: Taxa de Desocupação – 1ºT./2012/3ºT./2018 – Brasil/Ceará



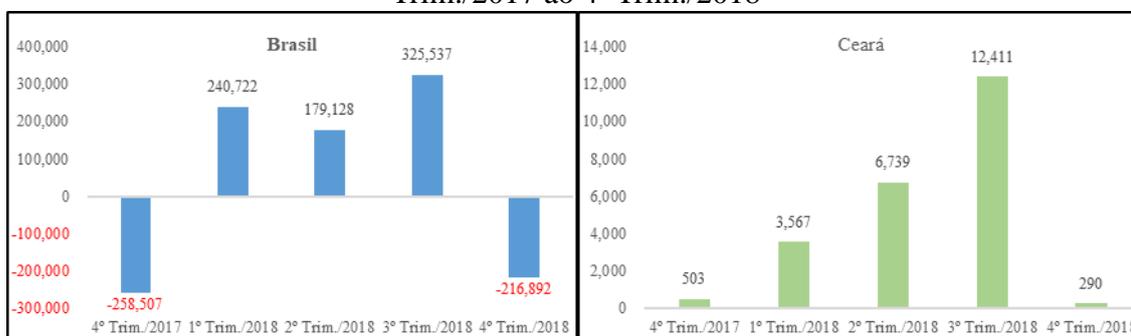
Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IPECE.

4.2 Emprego Formal

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados mensalmente pela Secretaria de Trabalho pertencente ao Ministério da Economia, o Brasil gerou um saldo negativo de 216.892 vagas com carteira assinada no quarto trimestre do ano de 2018, após três trimestres de criação de empregos. O ano de 2017 também apresentou destruição de 258.507 vagas, resultado do comportamento sazonal do mercado de trabalho nacional nesse período.

Diferentemente do observado para o país, o mercado de trabalho cearense registrou um saldo positivo de empregos celetistas num total de 290 vagas no último trimestre do ano de 2018, ou seja, uma forte desaceleração no ritmo de criação de vagas observado ao longo dos três trimestres do ano, como já é esperado para o período.

Gráfico 4.4: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará - 4º Trim./2017 ao 4º Trim./2018

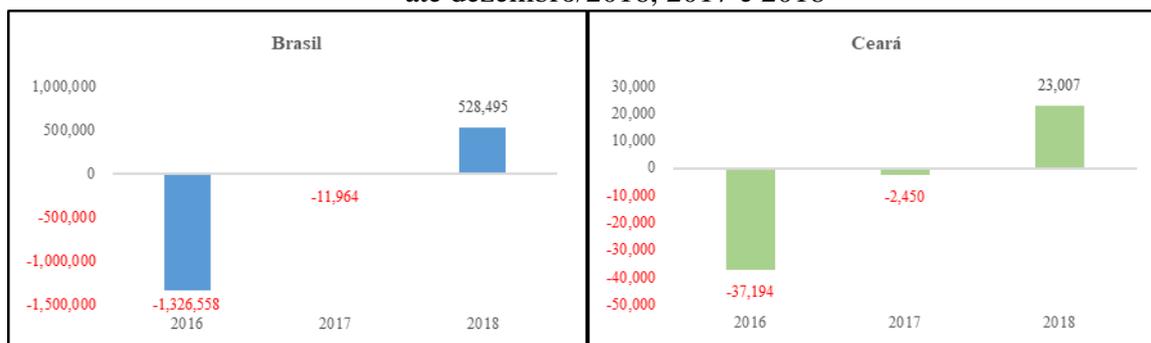


Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

Apesar do resultado negativo observado no país no último trimestre do ano, o país conseguiu gerar um total de 528.495 vagas de trabalho com carteira assinada e o Ceará um total de 23.007 vagas na mesma categoria de emprego. Ao se comparar o saldo de empregos gerados nos últimos três anos, é possível notar que ambos os mercados de trabalho nacional e local

registraram desempenhos, em 2018, bem melhor que aqueles observados nos anos de 2016 e 2017 quando observou-se destruição de vagas tanto no país quanto no Ceará resultado de uma nítida recuperação do mercado de trabalho nacional e cearense. Vale notar que a geração de empregos observada no último ano não foi capaz ainda de repor a destruição de vagas observada nos últimos dois anos.

Gráfico 4.5: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Ceará – Acumulado do ano até dezembro/2016, 2017 e 2018



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

Emprego Celetista no Contexto Nacional

A partir da Tabela 4.1 é possível observar a evolução trimestral do saldo de empregos celetista entre o quarto trimestre de 2017 e o quarto trimestre de 2018 para o Brasil e estados. No quarto trimestre de 2017, apenas sete estados apresentaram saldo positivo de empregos. Esse número cresceu para dezessete no primeiro trimestre de 2018, vinte e três no segundo trimestre de 2018 e para vinte e cinco no terceiro trimestre de 2018, retornando para sete estados no último trimestre de 2018.

Os cinco maiores saldos positivos no acumulado do quarto trimestre do referido ano foram observados nos estados de Alagoas (+2.192 vagas); Rio Grande do Norte (+1.926 vagas); Sergipe (+742 vagas); Amazonas (+303 vagas) e Espírito Santo (+293 vagas), com o Ceará ocupando a sexta colocação no país e quarto na região Nordeste. Por outro lado, vinte saldos negativos foram observados cujos maiores foram registrados nos estados de São Paulo (-80.519 vagas); Minas Gerais (-35.102 vagas); Goiás (-23.210 vagas); Pernambuco (-14.978 vagas) e Paraná (-14.448 vagas).

Na sequência, tem-se a evolução do saldo de empregos celetista para o acumulado do ano até dezembro dos últimos três anos para o Brasil e estados disponível na Tabela 4.2. Nota-se que em 2016, apenas um estado havia registrado saldo positivo de empregos, aumentando para dezesseis estados em 2017 e aumentando ainda mais para vinte e três estados em 2018, revelando nítida recuperação no mercado de trabalho nacional.

Os cinco maiores saldos positivos para o acumulado até dezembro de 2018 foram observados nos estados de São Paulo (+145.805 vagas); Minas Gerais (+81.549 vagas); Santa Catarina (+41.708 vagas); Paraná (+40.651 vagas) e Bahia (+29.046 vagas). A soma conjunta desses cinco estados foi de 481.757 vagas, participando com 66,9% do saldo positivo do país.

Por outro lado, quatro estados apresentaram destruição de vagas de trabalho no acumulado do ano de 2018, Alagoas (-3.738 vagas); Roraima (-293 vagas); Sergipe (-149 vagas) e Acre (-123 vagas).

Tabela 4.1: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista – Brasil e Estados - 4º Trim./2017 ao 4º Trim./2018

Estados	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.	2º Trim./2018	Rank.	3º Trim./2018	Rank.	4º Trim./2018	Rank.
Alagoas	17.295	1	-21.711	27	-2.110	25	21.498	5	2.192	1
Rio Grande do Norte	-2.198	14	-4.652	23	834	18	7.508	14	1.926	2
Sergipe	4.600	2	-3.553	22	325	21	3.434	18	742	3
Amazonas	2.148	3	-169	19	147	23	6.075	16	303	4
Espírito Santo	-3.591	16	6.693	9	7.286	6	3.117	19	293	5
Ceará	503	5	3.567	12	6.739	9	12.411	10	290	6
Roraima	133	6	-150	18	-831	24	564	25	19	7
Rio de Janeiro	-15.421	23	-8.096	25	4.107	12	10.974	13	-196	8
Paraíba	18	7	-5.802	24	237	22	11.151	12	-200	9
Amapá	-542	9	479	17	443	19	1.901	22	-646	10
Piauí	-1.100	13	886	14	2.498	13	2.992	20	-1.085	11
Acre	-741	11	-1.025	20	340	20	716	24	-1.091	12
Rondônia	-817	12	859	15	955	17	2.176	21	-1.556	13
Tocantins	-554	10	1.005	13	2.286	14	1.854	23	-2.090	14
Distrito Federal	-2.881	15	6.619	10	6.165	10	6.682	15	-2.226	15
Rio Grande do Sul	-6.881	18	44.797	2	-17.851	27	-4.348	27	-2.247	16
Maranhão	-373	8	764	16	6.940	7	4.574	17	-2.842	17
Santa Catarina	-8.627	19	36.678	3	-2.745	26	11.239	11	-3.464	18
Para	-4.612	17	-3.478	21	6.743	8	17.527	6	-5.658	19
Bahia	-12.051	21	13.636	7	9.080	5	15.447	7	-9.117	20
Mato Grosso do Sul	-8.760	20	5.507	11	1.844	15	-315	26	-10.456	21
Mato Grosso	-15.292	22	13.384	8	10.372	4	14.293	9	-11.526	22
Paraná	-17.935	24	28.313	5	4.229	11	22.557	3	-14.448	23
Pernambuco	1.459	4	-20.062	26	1.534	16	35.432	2	-14.978	24
Goiás	-21.359	25	20.276	6	14.170	3	14.451	8	-23.210	25
Minas Gerais	-35.688	26	35.834	4	58.737	1	22.080	4	-35.102	26
São Paulo	-125.240	27	90.123	1	56.654	2	79.547	1	-80.519	27
Total	-258.507	---	240.722	---	179.128	---	325.537	---	-216.892	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

O estado do Ceará criou no ano 23.007 vagas de trabalho formais, saldo de empregos levemente inferior ao registrado no estado de Goiás (25.687 vagas), tendo ocupado a oitava colocação do país e segunda do Nordeste superado apenas pelo estado da Bahia que ficou com a quinta posição no país.

Tabela 4.2: Evolução do saldo de empregos celetista – Brasil e Estados – Acumulado do ano até dezembro/2016, 2017 e 2018

Estados	2016	Rank.	2017	Rank.	2018	Rank.
São Paulo	-396.852	27	-6.236	22	145.805	1
Minas Gerais	-118.015	25	23.384	3	81.549	2
Santa Catarina	-32.769	17	29.286	1	41.708	3
Paraná	-60.921	23	13.381	5	40.651	4
Bahia	-73.067	24	100	16	29.046	5
Mato Grosso	-17.900	14	16.526	4	26.523	6
Goiás	-19.327	15	26.819	2	25.687	7
Ceará	-37.194	18	-2.450	19	23.007	8
Rio Grande do Sul	-53.501	22	-8.268	26	20.351	9
Espírito Santo	-37.914	19	-1.827	18	17.389	10
Distrito Federal	-27.252	16	2.111	11	17.240	11
Para	-39.432	20	-6.439	23	15.134	12
Maranhão	-17.642	13	2.299	9	9.436	13
Rio de Janeiro	-238.528	26	-92.592	27	6.789	14
Amazonas	-17.356	12	2.176	10	6.356	15
Rio Grande do Norte	-15.653	11	847	13	5.616	16
Paraíba	-12.001	7	-3.343	20	5.386	17
Piauí	-12.612	9	3.338	7	5.291	18
Tocantins	-3.991	5	4.503	6	3.055	19
Rondônia	-12.022	8	1.999	12	2.434	20
Amapá	-3.685	4	170	15	2.177	21
Pernambuco	-47.617	21	-6.498	24	1.926	22
Sergipe	-15.314	10	-851	17	948	23
Alagoas	-11.559	6	-8.176	25	-131	24
Roraima	268	1	2.662	8	-398	25
Acre	-2.771	3	176	14	-1.060	26
Mato Grosso do Sul	-1.931	2	-5.061	21	-3.420	27
Total	-1.326.558	---	-11.964	---	528.495	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

Distribuição Setorial dos Empregos Celetistas

Nesta seção, é apresentada a evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores no Brasil entre o quarto trimestre de 2017 e o quarto trimestre de 2018. No primeiro período dos oito setores analisados para o mercado de trabalho brasileiro, apenas um deles registrou saldo positivo. No primeiro trimestre de 2018, esse número cresceu para seis, mantendo esse número no trimestre seguinte, aumentando para oito no terceiro trimestre, voltando a apresentar apenas um no último trimestre do ano.

O único setor a registrar saldo positivo de empregos no mercado de trabalho brasileiro no quarto trimestre de 2018 foi o de Comércio (+144.765 vagas). As maiores destruições de vagas foram observadas nos setores da Indústria de Transformação (-137.449 vagas); Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca (-86.532 vagas); e Construção civil (-65.641 vagas). O setor de Serviços que é o grande motor de geração de empregos na economia nacional também fechou postos de trabalho num total de 49.585 vagas. A Administração pública também deu sua contribuição para o saldo negativo de empregos ao fechar 18.442 vagas no mesmo período.

Tabela 4.3: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores - Brasil - 4º Trim./2017 ao 4º Trim./2018

Setores	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.	2º Trim./2018	Rank.	3º Trim./2018	Rank.	4º Trim./2018	Rank.
Comércio	119.375	1	-71.620	8	-18.383	8	48.438	3	144.765	1
Extrativa mineral	-4.173	3	316	6	901	5	1.675	7	-1.428	2
Serviços Industr de Utilidade Pública	-3.072	2	2.676	5	4.098	4	3.650	6	-2.580	3
Administração Pública	-19.248	4	13.662	4	409	6	418	8	-18.442	4
Serviços	-89.239	7	196.719	1	96.823	1	154.426	1	-49.585	5
Construção Civil	-81.526	6	22.920	3	20.307	3	39.748	4	-65.641	6
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-73.595	5	-3.411	7	77.295	2	15.349	5	-86.532	7
Indústria de transformação	-107.029	8	79.460	2	-2.322	7	61.833	2	-137.449	8
Total	-258.507	---	240.722	---	179.128	---	325.537	---	-216.892	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

Na sequência, registra-se a evolução do saldo de empregos celetista por setores no Brasil para o acumulado do ano até dezembro nos últimos três anos disponível na Tabela 4.4. Diferente do ocorrido em 2016, quando todos os setores destruíram vagas de trabalho, e em 2017, quando apenas três setores criaram vagas, o ano de 2018 teve sete setores registrando saldo positivo de empregos revelando que a recuperação no mercado de trabalho nacional ocorreu em muitas direções, a exceção tendo ficado por conta da Administração público, único setor a fechar postos de trabalho num total de 3.953 vagas, tendo superado a marca registrada no ano anterior.

Tabela 4.4: Evolução do saldo de empregos celetista por setores - Brasil - Acumulado do ano até dezembro/2016, 2017 e 2018

Setores	2016	Rank.	2017	Rank.	2018	Rank.
Serviços	-392.575	8	41.130	2	398.383	1
Comércio	-197.490	5	46.078	1	103.200	2
Construção Civil	-361.874	7	-104.074	8	17.334	3
Serviços Industr de Utilidade Pública	-12.789	3	-4.125	5	7.844	4
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-14.188	4	37.202	3	2.701	5
Indústria de transformação	-324.159	6	-21.059	7	1.522	6
Extrativa mineral	-11.909	2	-5.950	6	1.464	7
Administração Pública	-11.574	1	-1.166	4	-3.953	8
Total	-1.326.558	---	-11.964	---	528.495	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

Mesma análise trimestral é feita para o mercado de trabalho cearense entre o quarto trimestre de 2017 e o quarto trimestre de 2018. No primeiro período, apenas dois setores apresentaram criação de vagas, tendo crescido para seis setores no primeiro trimestre de 2018, caído para cinco no segundo trimestre de 2018, aumentado para oito setores no terceiro trimestre de 2018, finalizando o ano três setores gerando vagas de trabalho. Os três setores que geraram vagas de trabalho no mercado de trabalho cearense no último trimestre do ano de 2018 foram: Comércio (+5.201 vagas); Serviços (+1.607 vagas) e Extrativa Mineral (+8 vagas). As maiores perdas foram observadas nos setores da Construção Civil (-2.989 vagas); Indústria de Transformação (-1.439 vagas) e na Agropecuária (-1.231 vagas). As perdas registradas nesses setores já são esperadas por conta de fatores sazonais que explicam em boa parte a dinâmica dos mesmos.

Tabela 4.5: Evolução trimestral do saldo de empregos celetista por setores - Ceará - 4º Trim./2017 ao 4º Trim./2018

Setores	4º Trim./2017	Rank.	1º Trim./2018	Rank.	2º Trim./2018	Rank.	3º Trim./2018	Rank.	4º Trim./2018	Rank.
Comércio	5.286	1	-3.346	8	-603	7	1.368	4	5.201	1
Serviços	1.023	2	3.371	2	5.365	1	5.467	1	1.607	2
Extrativa mineral	-121	5	62	5	42	5	72	8	8	3
Administração Pública	-31	4	219	3	46	4	130	7	-299	4
Serviços Industr de Utilidade Pública	-2	3	94	4	53	3	230	6	-568	5
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-1.530	6	-1.187	7	-68	6	2.388	2	-1.231	6
Indústria de transformação	-2.298	8	4.346	1	-707	8	1.632	3	-1.439	7
Construção Civil	-1.824	7	8	6	2.611	2	1.124	5	-2.989	8
Total	503	---	3.567	---	6.739	---	12.411	---	290	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

Por fim, tem-se a evolução do saldo de empregos celetista por setores no Ceará para o acumulado do ano até dezembro nos últimos três anos. Nota-se, que, nenhum setor registrou abertura de vagas em 2016, quando esse número cresceu para quatro setores e 2017 e para seis em 2018, revelando uma nítida trajetória desconcentrada de recuperação do mercado de trabalho estadual, acompanhando a mesma trajetória de restauração de vagas observada no país.

Os três setores que registraram os maiores saldos positivos no acumulado do ano de 2018 foram: Serviços (+15.810 vagas); Indústria de transformação (+3.832 vagas) e Comércio (+2.620 vagas). As perdas anuais foram observadas apenas nos Serviços Industriais de Utilidade Pública (-191 vagas) e na Agropecuária (-98 vagas), revelando alguns movimentos diferentes daqueles registrados pelo país quando a Agropecuária conseguiu ter êxito na geração de empregos no acumulado do ano.

Tabela 4.6: Evolução do saldo de empregos celetista por setores – Ceará – Acumulado do ano até dezembro/2016, 2017 e 2018

Setores	2016	Rank.	2017	Rank.	2018	Rank.
Serviços	-661	3	2.801	1	15.810	1
Indústria de transformação	-9.820	7	-3.760	8	3.832	2
Comércio	-6.766	6	468	4	2.620	3
Construção Civil	-15.047	8	-2.289	7	754	4
Extrativa mineral	-238	2	-322	5	184	5
Administração Pública	-108	1	531	2	96	6
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-2.112	4	-370	6	-98	7
Serviços Industr de Utilidade Pública	-2.442	5	491	3	-191	8
Total	-37.194	---	-2.450	---	23.007	---

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE. Nota: Saldo de dentro e fora dos prazos.

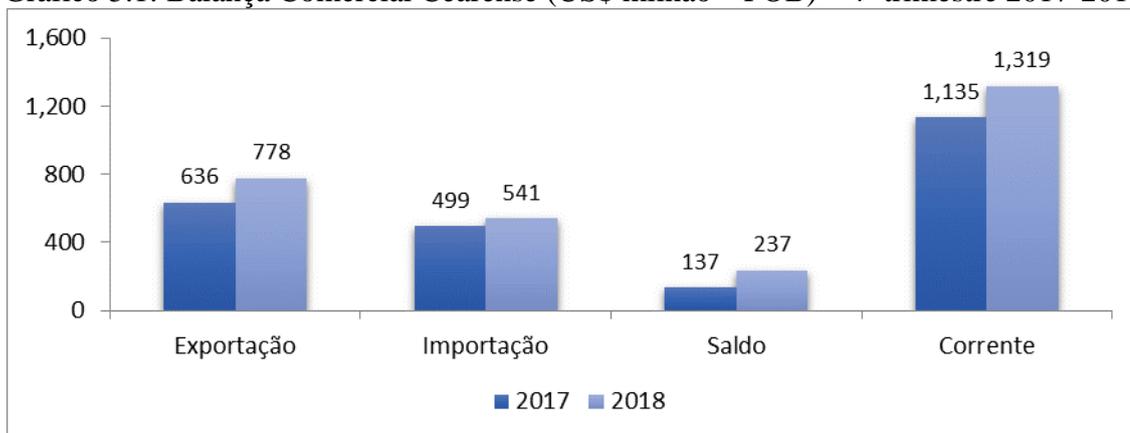
5 Comércio Exterior

O Ceará, no quarto trimestre de 2018, exportou o valor de US\$ 778 milhões, sendo o melhor trimestre do ano, registrando crescimento de 48%, quando comparado com o terceiro trimestre do mesmo ano. Na comparação com o quarto trimestre de 2017 verificou-se aumento de 22,3%. Vale ressaltar que as exportações de dezembro foi o mês de maior valor, representando 33% do total exportado no quarto trimestre de 2018, atingindo o montante de US\$ 260 milhões.

As importações cearenses encerraram o quarto trimestre de 2018 com o acumulado de US\$ 541 milhões, queda de 21,4% comparado ao terceiro trimestre do ano do mesmo ano. Com relação ao quarto trimestre de 2017 verificou-se crescimento de 8,3%.

O saldo da balança comercial cearense no quarto trimestre de 2018 registrou superávit de US\$ 237 milhões, valor maior quando comparado com o mesmo período de 2017 (US\$ 137 milhões). O valor da corrente de comércio totalizou US\$ 1,3 bilhão, aumento de 16,1% em relação ao registrado com o mesmo período de 2017.

Gráfico 5.1: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 4º trimestre 2017-2018



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

No acumulado do ano de 2018 as exportações cearenses bateram novo recorde, com valor de US\$ 2,3 bilhões, crescimento de 10,7% comparado ao ano de 2017. As importações cearenses, por sua vez, alcançaram o valor de US\$ 2,5 bilhões, registrando aumento de 13,0% com relação ao ano de 2017. Com isso o saldo da balança comercial cearense encerrou o ano de 2018 negativo em US\$ 205 milhões, déficit maior do que o verificado em 2017, porém o segundo menor valor dos últimos dez anos. A corrente de comércio somou o valor de US\$ 4,86 bilhões, em 2018.

Gráfico 5.2: Balança Comercial Cearense (US\$ milhão – FOB) – 2017-2018



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

No cenário nacional, as exportações brasileiras no quarto trimestre de 2018 registrou o montante de US\$ 66 bilhões, enquanto que as importações somaram US\$ 45,9 bilhões, crescimento de 17,9% e 16,4%, respectivamente, em relação ao quarto trimestre de 2017. O saldo foi de US\$ 16,8 bilhões e a corrente de comércio atingiu o valor de US\$ 108,5 bilhões.

Com relação ao acumulado de 2018, as vendas externas nacionais foram de US\$ 239,9 bilhões e as importações somaram US\$ 181,2 bilhões, resultando em um saldo de US\$ 58,6 bilhões e corrente de comércio de US\$ 421,1 bilhões. No ranking das exportações nacionais o estado de São Paulo continua sendo o líder, seguido do Rio de Janeiro e Minas Gerais com participações de 22,5%, 12,8% e 10,3%, respectivamente. O Ceará encontra-se na 14ª posição, participando com 1,0% do total exportado pelo país, mesma participação verificada em 2017. Pelo lado das importações, São Paulo é o maior importador do país, seguido por Rio de Janeiro e Santa Catarina, com participações de 33,6%, 13,3% e 8,5%, respectivamente. O Ceará encontra-se na 14ª posição do ranking, com 1,4% das importações nacionais.

Exportações

No quarto trimestre de 2018, a pauta de exportação cearense foi liderada pelos *Produtos Metalúrgicos*, com valor de US\$ 478 milhões, valor que correspondeu a 61,5% do total exportado pelo estado. Em comparação com o quarto trimestre de 2017, as exportações de produtos metalúrgicos apresentaram aumento de 45,3%. As exportações de *Produtos semimanufacturados de ferro ou aço não ligado* participaram com 60,2% do total desse grupo.

O setor de *Calçados* ocupou o segundo lugar, com valor exportado de US\$ 88,2 milhões, participando com 11,3% do total exportado pelo estado. Porém, as vendas externas de calçados cearenses apresentaram acentuada queda tanto em valor como em quantidade de pares, tendo sido o estado com maior redução. A oscilação do câmbio, bem como a crise econômica Argentina, que afetou fortemente a desvalorização do peso argentino frente ao dólar, contribuiriam para a redução das exportações de calçados.

Em terceiro lugar estão as exportações de *Frutas*, com valor de US\$ 42,1 milhões e participação de 5,4%. Comparado com o quarto trimestre de 2017, observou-se queda de 28,1%, influenciado principalmente pela redução das exportações de melão e mamão. Ainda assim, o principal produto exportado de grupo foi *melão*, correspondendo por 74,8% da exportação do grupo.

Dentre os dez principais produtos exportados pelo Ceará, além de calçados e frutas, também apresentaram queda: *Couros e Peles* (-8,8%) e *Produtos Têxteis* (-2,61%).

Dentre os principais seguimentos exportados pelo Ceará, *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* foi o setor que obteve maior crescimento (60,7%) no quarto trimestre de 2018, comparado com o mesmo período de 2017. Também registraram crescimento nesse período *Castanha de caju* (15,8%); *Produtos de alimentos e bebidas* (47,8%), *Ceras vegetais* (34,4%) e *Lagosta* (20,5%).

Os dez principais produtos exportado pelo Ceará, no quarto trimestre de 2018, responderam por 95,1% da pauta exportadora do estado, indicando elevado índice de concentração.

Tabela 5.1: Principais produtos exportados – 4º trimestre – 2017-2018 (US\$ FOB)

Descrição do produtos	4º trim 2017		4º trim 2018		Var %
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Produtos Metalúrgicos	329.099.357	51,75	478.206.859	61,48	45,31
Calçados e suas partes	101.048.000	15,89	88.195.639	11,34	-12,72
Frutas (Exceto Castanha de caju)	58.527.777	9,20	42.101.711	5,41	-28,07
Castanha de caju, fresca ou seca, com casca	24.486.222	3,85	28.359.668	3,65	15,82
Couros e Peles	26.634.046	4,19	24.287.073	3,12	-8,81
Produtos Ind. de Alim. e Beb.	15.956.100	2,51	23.579.132	3,03	47,78
Lagosta	14.582.792	2,29	17.577.102	2,26	20,53
Ceras Vegetais	12.246.080	1,93	16.460.676	2,12	34,42
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes	7.535.743	1,18	12.107.059	1,56	60,66
Têxteis	9.562.961	1,50	9.313.466	1,20	-2,61
<i>Principais Produtos</i>	599.679.078	94,29	740.188.385	95,15	23,43
<i>Demais produtos</i>	36.319.788	5,71	37.698.023	4,85	3,79
Ceará	635.998.866	100,00	777.886.408	100,00	22,31

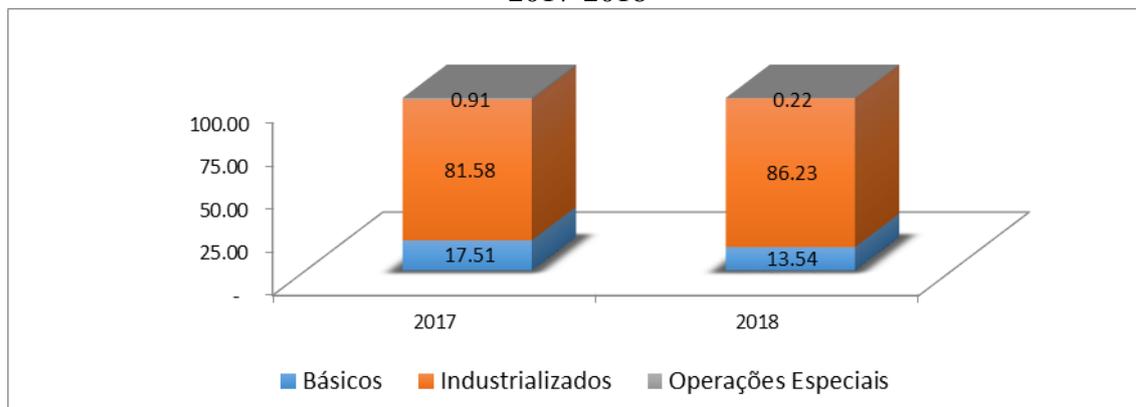
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE

Fator Agregado

No quarto trimestre do ano, os produtos industrializados representaram o segmento com maior participação nas exportações do Ceará, com 86,2% do total exportado pelo estado. No mesmo período de 2017 a participação foi inferior (81,6%). O valor das exportações de produtos industrializados aumentou 29,3% em igual período.

Já as exportações de produtos básicos representaram 13,5% do total exportado pelo Ceará no quarto trimestre de 2018, com valor de US\$ 105,3 milhões, registrando queda de 5,4% quando comparado com o mesmo período de 2017.

Gráfico 5.3: Participação das Exportações Cearenses por Fator Agregado (%) – 4º trimestre 2017-2018



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE

Destinos

Os Estados Unidos, Coreia do Sul e Reino Unido foram os principais destinos das exportações cearenses, juntos esses três países respondem por 64% da pauta exportadora do estado, indicando que também há uma elevada concentração de destino das exportações.

No quarto trimestre de 2018, os Estados Unidos permaneceram como principal comprador das mercadorias cearenses, com participação de 36,8%. Comparado com o mesmo período de 2017, verificou-se um elevado crescimento (213,8%), influenciado pelas vendas de produtos metalúrgicos, sendo esse o principal item exportado para esse destino. Para o país americano o Ceará também exportou *Castanha de caju, Calçados, Couros e peles e Lagosta*.

A Coreia do Sul aparece em segundo lugar dentre os principais destinos das exportações cearenses, com 15,1% de participação, no mesmo período do ano anterior a participação era de apenas 4,7%. O valor exportado para esse país foi na ordem de US\$ 117,6 milhões no quarto trimestre de 2018. Os principais produtos exportados para esse destino foram: *Ferro fundido, ferro e aço; Calçados; Ceras vegetais; e Obras de couro*.

O terceiro principal destino foi o Reino Unido, com 5,1% de participação. O valor exportado para esse país foi de US\$ 39,7 milhões, com destaque para os produtos *Ferro fundido, ferro e aço; Frutas; e Calçados*.

Tabela 5.2: Principais Destinos das Exportações (US\$ FOB) - 4º Trimestre de 2017-2018

Principais países	4º trim 2017		4º trim 2018		Var % 2018/2017
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Estados Unidos	91.315.295	14,36	286.594.758	36,84	213,85
Coreia do Sul	29.696.830	4,67	117.603.848	15,12	296,01
Reino Unido	32.505.322	5,11	39.668.063	5,10	22,04
Espanha	23.432.154	3,68	37.852.552	4,87	61,54
México	51.153.140	8,04	28.759.440	3,70	-43,78
Turquia	95.753.414	15,06	26.281.302	3,38	-72,55
Tailândia	23.266.913	3,66	26.079.128	3,35	12,09
Países Baixos (Holanda)	34.231.797	5,38	23.806.749	3,06	-30,45
Itália	24.262.874	3,81	22.172.310	2,85	-8,62
Argentina	28.317.074	4,45	20.231.689	2,60	-28,55
<i>Principais países</i>	433.934.813	68,23	629.049.839	80,87	44,96
<i>Demais países</i>	202.064.053	31,77	148.836.569	19,13	-26,34
Total	635.998.866	100,00	777.886.408	100,00	22,31

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Importações

No quarto trimestre de 2018, o grupo de *Combustíveis minerais* liderou o ranking das importações do Ceará, com valor de US\$ 165,8 milhões, participando com 30,7% do total das importações do estado nesse período. Porém, esse segmento apresentou queda de 10,4% em relação ao mesmo período de 2017. Os principais produtos importados desse grupo foram *Hulha betuminosa, não aglomerada; e Gasolina*.

O Ceará, no quarto trimestre de 2018, comparado com mesmo período de 2017, ampliou as compras externas de *Produtos químicos (27,1%); Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes (27,4%); Cereais (36,3%); Produtos metalúrgicos (125,2%); e Têxteis (21,4%)*, para citar apenas os mais importantes. Todos esses produtos são considerados insumos e bens de capital para as indústrias cearenses.

Dentre os principais grupos importados pelo Ceará no período analisado, além dos Combustíveis minerais, também apresentaram queda: Plásticos, borrachas e suas obras (-7,9%) e Óleo de dendê (-37,3%).

Tabela 5.3: Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 4º Trimestre 2017-2018

Principais produtos	4º trim 2017		4º trim 2018		Var (%) 2018/2017
	US\$	Part %	US\$	Part %	
Combustíveis minerais, óleos minerais; matérias betuminosas e ceras minerais	185.045.323	37,06	165.851.218	30,67	-10,37
Produtos Ind. Química	65.430.316	13,11	83.167.597	15,38	27,11
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes	59.777.964	11,97	76.168.725	14,09	27,42
Cereais	47.273.749	9,47	64.417.808	11,91	36,27
Produtos Metalúrgicos	16.507.837	3,31	37.182.096	6,88	125,24
Têxteis	26.016.276	5,21	31.582.860	5,84	21,40
Plásticos, Borrachas e suas obras	17.378.314	3,48	16.002.839	2,96	-7,91
Óleos de dende	18.331.921	3,67	11.500.294	2,13	-37,27
Vidros e suas obras	4.499.775	0,90	6.217.065	1,15	38,16
Obras de pedras, gesso, cimento	4.338.497	0,87	5.655.107	1,05	30,35
<i>Principais produtos</i>	444.599.972	89,05	497.745.609	92,04	11,95
<i>Demais produtos</i>	54.666.311	10,95	43.029.389	7,96	-21,29
Ceará	499.266.283	100,00	540.774.998	100,00	8,31

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE

Fator agregado

Com relação à importação por fator agregado, observou-se no 4º trimestre de 2018 a pauta importadora do estado foi composta, principalmente, por produtos industrializados, com participação de 65,9% totalizando um valor de US 356,3 milhões e crescimento de 10,4%, em relação ao mesmo período de 2017.

Também houve crescimento na importação de produtos básicos (4,5%), porém de menor intensidade do que os produtos industrializados, causando assim perda de participação, passando de 35,4%, no 4º trimestre de 2017, para 34,1%, no 4º trimestre de 2018.

Gráfico 5.4: Participação das Importações Cearenses por Fator Agregado (%) – 4º trim. - 2017-2018



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE

Origens

No quarto trimestre de 2018 o Ceará importou, principalmente, da China, correspondendo a quantia de US\$ 143,3 milhões, valor superior ao registrado no quarto trimestre de 2017. Esse país participou com 26,5% do total da pauta cearense. Os principais produtos oriundos desse país foram *Glifosato e seu sal de monoisopropilamina; Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores; Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado.*

Os Estados Unidos foi o segundo país de onde o Ceará mais importou, com valor de US\$ 78,6 milhões, correspondendo a 14,5% do total importado pelo estado. Os principais produtos importados desse país foram *Hulha betuminosa, não aglomerada; Trigo; Gasolina; e Óleo diesel.*

Dos principais países fornecedores do estado do Ceará, no quarto trimestre de 2018, os que obtiveram maior crescimento em relação ao mesmo período de 2017 foram: Noruega, Canadá (220%); Japão (111%); China (80,4%) e Rússia (37,9%). Desses países foram importados, principalmente: *Combustíveis minerais; Produtos químicos; Máquinas, aparelhos e materiais elétricos; Trigo; e Borrachas e suas obras, .*

Tabela 5.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) - 4º Trimestre -2017-2018

Principais países	4º trim 2017		4º trim 2018		Var % 2018/2017
	US\$	Part %	US\$	Part %	
China	79.414.806	15,91	143.267.484	26,49	80,40
Estados Unidos	78.874.338	15,80	78.613.240	14,54	-0,33
Colômbia	56.571.024	11,33	55.352.139	10,24	-2,15
Argentina	43.318.890	8,68	52.988.658	9,80	22,32
Noruega	935.021	0,19	35.594.668	6,58	3706,83
Índia	17.247.580	3,45	22.148.317	4,10	28,41
Rússia	14.384.412	2,88	19.830.610	3,67	37,86
Alemanha	18.398.050	3,69	18.077.851	3,34	-1,74
Canadá	4.759.390	0,95	15.252.843	2,82	220,48
Japão	4.514.130	0,90	9.535.637	1,76	111,24
<i>Principais países</i>	318.417.641	63,78	450.661.447	83,34	41,53
<i>Demais países</i>	180.848.642	36,22	90.113.551	16,66	-50,17
Ceará	499.266.283	100,00	540.774.998	100,00	8,31

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE

6 Finanças Públicas

Ao observar-se as contas públicas, no quarto trimestre de 2018, constata-se que elas apresentaram aspectos positivos, quando se analisa as receitas, e negativos, quando a análise se detém nas despesas. Pelo lado das receitas observa-se, ver Tabela 6.1, quando compara-se o quarto trimestre de 2018 com o de 2017, um incremento de 9,8% das receitas correntes estaduais, sendo esse crescimento devido, principalmente, ao incremento de 75,3% das outras receitas correntes entre os dois períodos. Já as transferências correntes apresentaram nível ligeiramente superior ao verificado um ano antes.

No acumulado do ano de 2018, é possível verificar, ainda na Tabela 6.1, um incremento de 4,1% das receitas correntes, devido ao incremento de 2,4%, 2,3 e 22,2% das receitas tributárias, de transferências das demais receitas correntes, respectivamente.

Tabela 6.1: Receitas do Governo Estadual no Quarto Trimestre de 2017 e 2018
(R\$1.000,00 de 3º trim. 2018)

Descrição	4º Trim					Acumulado				
	2017		2018		Var (%)	2017		2018		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	6,096,043	73.2	6,690,745	84.6	9.8	22,708,422	85.0	23,641,509	88.7	4.1
Receita tributária	3,383,994	40.6	3,425,781	43.3	1.2	12,826,225	48.0	13,131,804	49.3	2.4
Transferências correntes	2,041,828	24.5	2,090,130	26.4	2.4	7,869,854	29.5	8,050,418	30.2	2.3
Outras receitas correntes	670,221	8.0	1,174,834	14.9	75.3	2,012,343	7.5	2,459,287	9.2	22.2
Receitas de Capital	1,777,825	21.3	760,284	9.6	-57.2	2,654,246	9.9	1,497,876	5.6	-43.6
Operações de crédito	1,518,460	18.2	414,157	5.2	-72.7	2,142,734	8.0	917,860	3.4	-57.2
Outras receitas de capital	259,365	3.1	346,128	4.4	33.5	511,513	1.9	580,016	2.2	13.4
Receitas Intraorçamentárias	455,408	5.5	456,602	5.8	0.3	1,338,779	5.0	1,523,732	5.7	13.8
Total Geral	8,329,276	100.0	7,907,631	100.0	-5.1	26,701,447	100.0	26,663,117	100.0	-0.1
Receitas correntes	5,029,532	60.4	5,632,405	71.2	12.0	18,696,405	70.0	19,454,835	73.0	4.1

Fonte: S2GPR/SEFAZ

Obs: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre

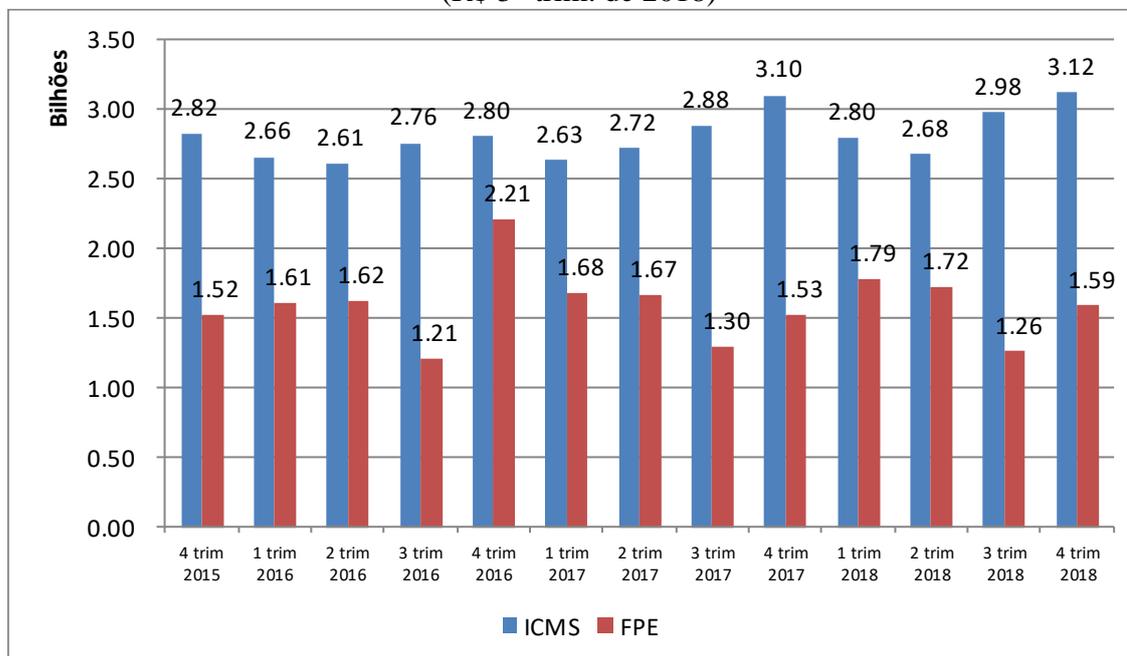
Quanto as receitas de capital constata-se uma significativa queda de 43,6%, sendo possível que essa redução esteja relacionada as eleições de 2018, dado que existe um conjunto de restrições a contratação de crédito no último ano de mandato do ocupante do executivo local.

O desempenho, tanto no acumulado do ano como no quarto trimestre, das outras receitas correntes é devido a receitas de cessão da folha de pagamento de pessoal (R\$449 milhões) como a restituição de garantias concedidas (R\$ 205 milhões) nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2018. Caso se desconte essas receitas extraordinárias as receitas correntes do Estado, acumulada em 2018, teriam sido 1,3% superior a verificada em 2017

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento dos repasses são apresentados no Gráfico 6.1. Como

pode ser observado as receitas de ICMS, no quarto trimestre de 2018, foram 0,6% superiores as observadas um ano antes e 4,7% superiores aos do trimestre anterior.

Gráfico 6.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual
(R\$ 3º trim. de 2018)



Fonte: S2GPR/SEFAZ

Com relação ao FPE, o quarto trimestre de 2018 apresentou um crescimento de 4,2%, relativamente a idêntico período do ano anterior, e 25,8% superior ao do trimestre anterior. É interessante observar que nos primeiro, segundo e quarto trimestres de 2018 os recursos transferido a título de FPE superaram os do ano anterior.

Já os aspectos negativos das contas públicas cearense, o crescimento das despesas públicas estaduais mencionado anteriormente, cujo dados são apresentados na Tabela 6.2, é possível constatar um crescimento de 7,2% das despesas correntes estaduais, quando compara-se o quarto trimestre de 2018 com idêntico período de 2017. É interessante observar que o principal componente das despesas correntes, as despesas com pessoal, aumentaram em 10,3%, no comparativo trimestral, sendo um crescimento superior ao verificado para as receitas correntes.

No acumulado do ano, constata-se a mesma tendência de crescimento das despesas correntes e das despesas de pessoal, embora em um percentual inferior ao da variação trimestral. Entretanto, no acumulado do ano, essas duas despesas cresceram de forma mais acelerada que as receitas correntes e a RCL, sendo essa trajetória insustentável no longo prazo.

Tabela 6.2: Despesas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2017 e 2018
(R\$1.000,00 de 3º trim. 2018)

Descrição	3º Trim					Acumulado				
	2017		2018		Var (%)	2017		2018		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	6,244,623	78.8	6,695,910	83.5	7.2	22,022,087	85.2	23,390,772	85.6	6.2
Pessoal e encargos sociais	3,209,469	40.5	3,540,779	44.1	10.3	11,587,342	44.8	12,401,550	45.4	7.0
Juros e encargos da dívida	171,852	2.2	163,747	2.0	-4.7	474,941	1.8	570,302	2.1	20.1
Outras despesas correntes	2,863,303	36.1	2,991,383	37.3	4.5	9,959,804	38.5	10,418,920	38.1	4.6
Despesas de capital	1,677,338	21.2	1,327,747	16.5	-20.8	3,834,086	14.8	3,941,217	14.4	2.8
Investimentos	1,142,884	14.4	1,094,442	13.6	-4.2	2,587,155	10.0	2,951,221	10.8	14.1
Amortizações	444,719	5.6	196,800	2.5	-55.7	1,038,099	4.0	818,412	3.0	-21.2
Inversões financeiras	89,735	1.1	36,506	0.5	-59.3	208,832	0.8	171,584	0.6	-17.8
Reserva de contingência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	7,921,962	100.0	8,023,657	100.0	1.3	25,856,173	100.0	27,331,989	100.0	5.7

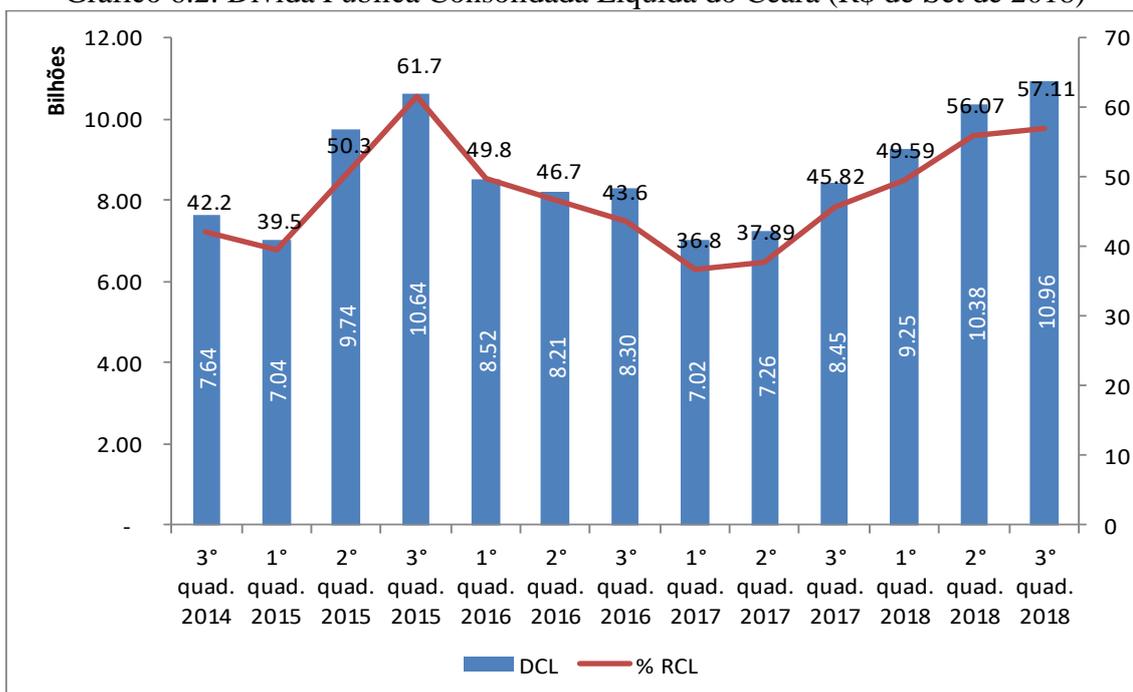
Fonte: S2GPR/SEFAZ

Obs: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre

As despesas de capital também apresentam, tanto na comparação trimestral como no acumulado do ano, crescimento significativo, superando os 20% em ambos os períodos. O Desempenho da despesa com “Investimentos” é a principal causa deste incremento.

Por fim, um último indicador analisado nesse documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 6.2. Nesse gráfico é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de queda do terceiro quadrimestre de 2015 ao primeiro quadrimestre de 2017, e, desde então, tem apresentado tendência de crescimento, atingindo, aproximadamente, 10,96 bilhões de Reais no 3º quadrimestre de 2018. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 57,11% da Receita corrente líquida, no quarto quadrimestre de 2018. Deve-se alertar que parte desse crescimento é devido a depreciação cambial, tendo o Dólar americano ultrapassado a barreira de R\$4,00/US\$1,00 no mês de setembro de 2018, enquanto em dezembro de 2017 ele era cotado em aproximadamente R\$3,30/US\$1,00.

Gráfico 6.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Set de 2018)



Fonte: STN/SISTN